



MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS

NÚCLEO DE TRANSFORMAÇÃO E SABERES



PLANO EDUCATIVO

JANEIRO DE 2025

SUMÁRIO

01

SOBRE A CONSTRUÇÃO DESTE PLANO EDUCATIVO **4**

02

TAVA, CASA DE TRANSFORMAÇÃO **8**

2.1. Sobre a luta pelo território do Museu 10

2.2. Proposta de Transformação 11

2.3. Perspectivas Indígenas Sobre a Educação 12

03

PRINCÍPIOS E CONCEITOS **15**

3.1. Educação Museal 16

3.2. Perspectivas e noções orientadoras 19

04

NUTRAS, NÚCLEO DE TRANSFORMAÇÃO E SABERES **24**

4.1. Objetivos 26

4.2. Equipe e Atribuições 28

4.3. Contatos 29

4.4. Mestres de Saberes 30

4.5. Programa de Estágio 41

05

ESTRATÉGIAS DE TRANSFORMAÇÃO E SABERES 43

5.1. Visitas Mediadas	44
5.2 Atividades Educativas	46
5.3. Formação	47
5.4. Pesquisa e Produção de repertórios e Materiais Educativos	56
5.5. Avaliação	77

06

COMO VISITAR A TAVA? 81

6.1. Como se Preparar?	83
6.2. Principais Recomendações a Educadores	84
6.3. Atividades Pré-Visita	85
6.4. Como Agir e Interagir?	88
6.5. Atividades pós-visita	89
6.6. Questionamentos Desafiadores	91
6.7. Espaços	99
6.8. Acessibilidade	109

07

PÚBLICOS E PROGRAMAS 112

7.1. Público escolar	114
7.2. Instituições não escolares	120
7.3. Equipe do MCI	120
7.4. Públicos específicos, programas e ações	121

08

PROGRAMAÇÃO

127

8.1. Temporadas e Datas Comemorativas

128

09

ORIENTAÇÃO À PRÁTICA PEDAGÓGICA

134

9.1. Educação Escolar Indígena

136

9.2. Referências para Educadores

137

12

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

145

FICHA TÉCNICA

146

SOBRE A CONSTRUÇÃO DESTE PLANO EDUCATIVO



O Museu das Culturas Indígenas (MCI), é uma instituição da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, gerida pela ACAM Portinari (Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari), em parceria com o Instituto Maracá e o Conselho Indígena Aty Mirim.

Durante o ano de 2022, o Conselho atravessou um processo de consolidação e articulação interna, tendo sido formalmente institucionalizado através da resolução nº 57 da Secretaria de Cultura (publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo – DOE/SP, no dia 23 de dezembro de 2022, na página 61). Em 2023 o Conselho Aty Mirim tem seguido um programa de formação interna voltada a diversos temas ligados à museologia, como preparação para a consolidação de um Plano Museológico único, que contemple as diferenças étnicas e os valores das comunidades indígenas do estado de São Paulo. Algumas decisões centrais já têm sido tomadas, além de uma interação efetiva entre os conselheiros e a rotina das diferentes equipes do MCI através da composição de Grupos de Trabalho.

Um museu é composto pelas pessoas que o constroem (equipes, gestores e público); pelos acervos que o constituem; pelos saberes produzidos e compartilhados; por sonhos, projetos, expectativas. O público é a parte que faz tudo isso fluir entre diversas instâncias entre o Museu e a sociedade, e as atividades educativas são estratégias para produzir transformações e enriquecer esses fluxos.

Todas as experiências e reflexões em torno de como o Museu atende os diversos tipos de público fazem parte da construção de um Plano Educativo, que traz um conjunto de referências e diretrizes em constante reconstrução. Segundo a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), o Plano Educativo compõe o Plano Museológico e estabelece:

- a proposta educativa do museu;
- as suas referências teóricas e conceituais;
- diagnósticos;
- descrição dos projetos e plano de trabalho;
- o registro, a sistematização e a avaliação permanente das suas atividades;
- a formação continuada dos profissionais do museu.

No caso do Museu das Culturas Indígenas, o setor educativo se uniu ao de formação, compondo o Núcleo de Transformação e Saberes (NUTRAS). Por isso, o Plano Educativo inclui toda essa interação, sendo voltado para todas as atividades que têm como foco a transmissão e partilha de saberes e experiências entre comunidades indígenas e a sociedade em geral.

Seguindo a proposta do MCI, a escrita do Plano Educativo tem como preceito a participação ativa dos indígenas, refletindo alguns valores e conceitos relativos à educação indígena. Para isso, o NUTRAS tem feito ciclos de escuta e rodadas de trabalho com toda a equipe, de modo que os Mestres de Saberes, que são os educadores do MCI, possam desenvolver e alinhar os conceitos e a estruturação do documento.

A partir desse processo, alguns desafios conceituais se apresentaram, tais como a definição de categorias de público e reflexões sobre a natureza de ações educativas e formativas.

A partir das discussões no âmbito de cada Grupo de Trabalho (GT) composto por comitês específicos do Conselho Aty Mirim e da equipe técnica, o Museu das Culturas Indígenas desenvolve um processo de amadurecimento de diretrizes, valores e perspectivas, aproximando suas práticas e pressupostos conceituais das referências trazidas pelas comunidades indígenas.

Este documento, como todos os Planos Educativos devem ser, estará num processo constante de análise, atualização e reelaboração, considerando as diversas pessoas que irão contribuir para o desenvolvimento das nossas atividades. Além da equipe do Museu, espera-se que, cada vez mais, as diversas vozes das comunidades indígenas componham este material. E, como em qualquer proposta educativa transformadora, as experiências dos públicos também conduzirão todo o processo.

Além dos textos, este Plano é composto por imagens, vídeos e falas transcritas, integrando diferentes vozes e pensamentos. Os vídeos não são apenas ilustrativos, eles constituem este documento. Por isso, convidamos todos a ampliarem a sua capacidade de leitura, escuta e compreensão.

TAVA

casa de transformação



Tava é um lugar em que nossos ancestrais se encontraram e tiveram um encontro com elevações espirituais. Então, o lugar que eles viviam se tornava um lugar sagrado, onde tem toda a história durante a sua convivência, no ambiente onde viviam. Depois que tiveram uma elevação espiritual, que não estão mais em terra, vai estar lá a pegada, as coisas, os adereços, que estão lá deixados, para deixar para nós, pessoas que possam visitar o local, e perceber que há uma chance ainda de ter uma consciência, de encontrar uma forma de uma vida melhor, entender o mundo, como que o mundo é, entender o ambiente, entender as relações humanas. É possível também encontrar essa forma de viver bem.

TAVA se diz a casa de transformações. Por que casa de transformações? Porque à medida que a gente entra nesse lugar, a gente pensa, a gente busca as informações, e a partir do momento que você busca as informações e você se alimenta das informações, através disso você sai do outro lado, já com a leveza da consciência, a leveza espiritual. Você conseguiu se curar, você conseguiu encontrar um caminho que é muito mais saudável, da forma que são passadas as mensagens.

Então eu acredito que TAVA é um bom nome, [para o Museu das Culturas Indígenas] porque se trata de uma consciência transformada, e que a TAVA seria isso, para a nossa concepção de hoje, mais do que simplesmente museu: TAVA, a casa de transformações".

Carlos Papá – Instituto Maracá e Conselho Aty Mirim

SOBRE A LUTA PELO TERRITÓRIO DO MUSEU

O Museu das Culturas Indígenas, fruto da parceria do Estado de São Paulo com ACAM Portinari e o Instituto Maracá, é uma conquista das lideranças indígenas de São Paulo, principalmente as mulheres da Terra Indígena Jaraguá, que reivindicavam um local na capital onde pudessem realizar atividades culturais, reafirmar a presença indígena no território, fortalecer e compartilhar práticas de memória e conquistar o direito de acesso à cultura e à educação.

Com o compromisso de construir uma gestão compartilhada no MCI, foi criado o Conselho Aty Mirim, composto por lideranças indígenas de diversos povos do estado de São Paulo, sendo uma voz ativa na construção de políticas e na tomada de decisões. O MCI é um espaço de produção de transformações em permanente construção, que tem como princípios o respeito à diversidade étnica da equipe, o protagonismo, a autonomia e autodeterminação indígenas.



PROPOSTAS DE TRANSFORMAÇÃO



 https://youtu.be/7yp3w99_A9c

"A Sociedade brasileira tem uma necessidade de ser reeducada.
De reaprender uma coisa muito essencial que é o respeito
a todas as formas de vida.

O Museu das Culturas Indígenas pode contribuir muito para que as
escolas possam começar a acessar conhecimentos, saberes.. E como
lidar com a temática indígena dentro da sala de aula.
Então nós temos essa missão muito grande dentro da TAVA, que é a
casa da transformação, de servir como uma ponte entre mundos".

Cristine Takua – Instituto Maracá

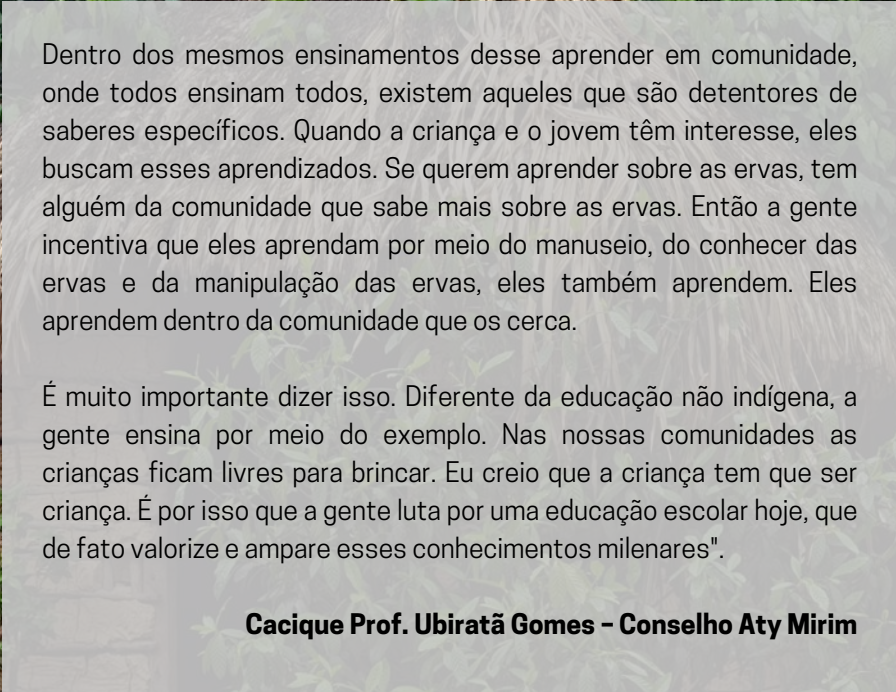
PERSPECTIVAS INDÍGENAS SOBRE A EDUCAÇÃO

"Na comunidade, desde cedo os pequenos aprendem uns com os outros, aprendem com os mais velhos, aprendem com a natureza que os cerca, aprendem brincando. Todo lugar é um local de ensinamento, de aprendizagem. Na hora que os mais velhos, os pais, os tios ou mesmo os primos e irmãos mais velhos estão fazendo alguma arte, as crianças estão ali próximas brincando, é o momento que eles estão aprendendo. As nossas crianças, dentro da nossa cultura, das diversas culturas indígenas que eu conheço, aprendem pela observação, isso é o princípio básico da nossa educação.

É a observação, o ensino por meio da prática. Diferente da escola não indígena, da educação não indígena, onde a criança é proibida de fazer muitas coisas, na cultura indígena, as crianças, com segurança, participam de diversas atividades dentro da comunidade. Na confecção das artes, a partir do momento em que a criança já tem uma idade, já pode ir até a mata com os mais velhos, acompanhada dos pais, para extrair a matéria prima para fazer os artefatos. A criança vai junto e ela aprende observando como o mais velho faz, e questiona a todo momento o que está acontecendo. Sempre os mais velhos ensinam de forma lúdica, falando pra criança ou jovem qual é a lua certa para se extrair um tipo de madeira.

O nosso bem viver, dentro da nossa comunidade, faz parte da nossa educação. Nessa interação com o meio temos essa economia, que vem da etimologia da palavra economia, que é cuidado no lar, onde se mora, cuidar do local onde você vive. A nossa educação é baseada nisso, no convívio harmônico com o meio onde nós vivemos. Isso é um dos princípios da educação indígena.

...

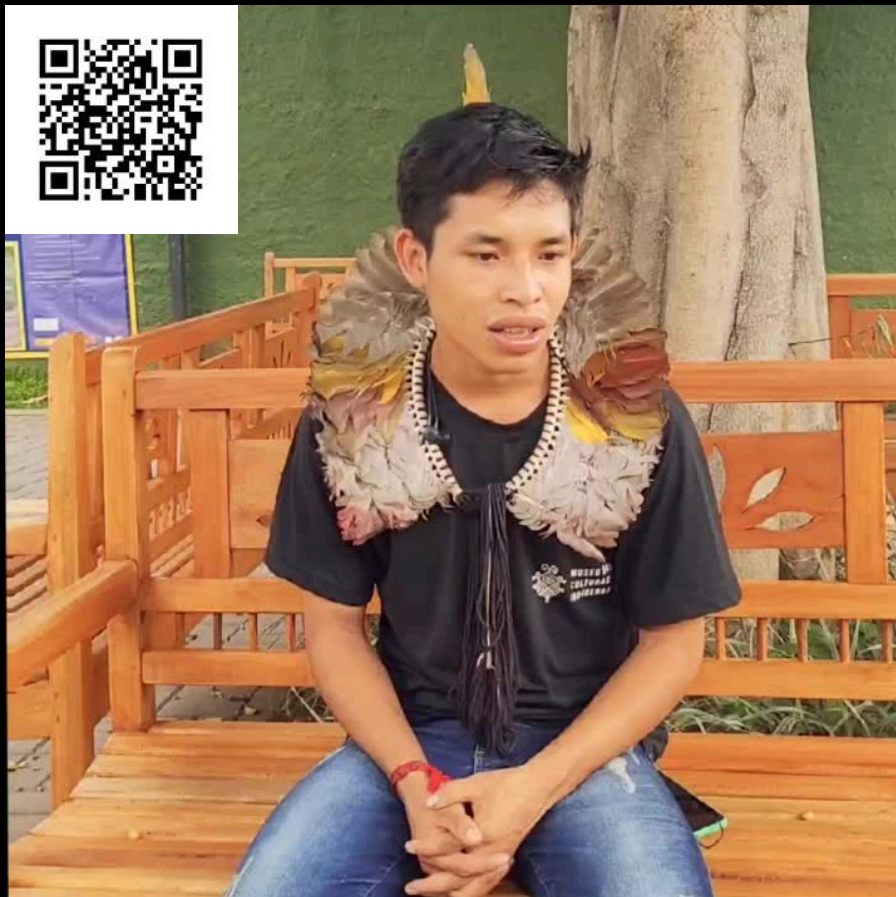


Dentro dos mesmos ensinamentos desse aprender em comunidade, onde todos ensinam todos, existem aqueles que são detentores de saberes específicos. Quando a criança e o jovem têm interesse, eles buscam esses aprendizados. Se querem aprender sobre as ervas, tem alguém da comunidade que sabe mais sobre as ervas. Então a gente incentiva que eles aprendam por meio do manuseio, do conhecer das ervas e da manipulação das ervas, eles também aprendem. Eles aprendem dentro da comunidade que os cerca.

É muito importante dizer isso. Diferente da educação não indígena, a gente ensina por meio do exemplo. Nas nossas comunidades as crianças ficam livres para brincar. Eu creio que a criança tem que ser criança. É por isso que a gente luta por uma educação escolar hoje, que de fato valorize e ampare esses conhecimentos milenares".

Cacique Prof. Ubiratã Gomes – Conselho Aty Mirim

ORIENTAÇÃO E EDUCAÇÃO



<https://youtu.be/-0M9iZ5q-zl>

"Um sábio orientando um jovem está passando sua sabedoria. A orientação é muito diferente da educação. Cada minuto, cada hora da sua vida você é orientado".

Michel Popyguá – Ex-Mestre de Saberes



**PRINCÍPIOS
E CONCEITOS**

EDUCAÇÃO MUSEAL

De acordo com a atual definição do Conselho Internacional de Museus (ICOM), o museu possui um papel voltado para a educação e a partilha de saberes com a sociedade. A função do museu que acolhe o público e promove ações de educação e transformação é conhecida como “Educação Museal”.

No final do ano de 2017, o Instituto Brasileiro de Museus publicou, por meio de uma portaria, a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), que é um conjunto de princípios e diretrizes para apoiar a atuação dos educadores e fortalecer a dimensão educativa em todos os espaços do museu. Segundo a PNEM, a Educação Museal é “um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade” (MinC, Portaria nº 422, de 30 de Novembro de 2017, art. 2º).

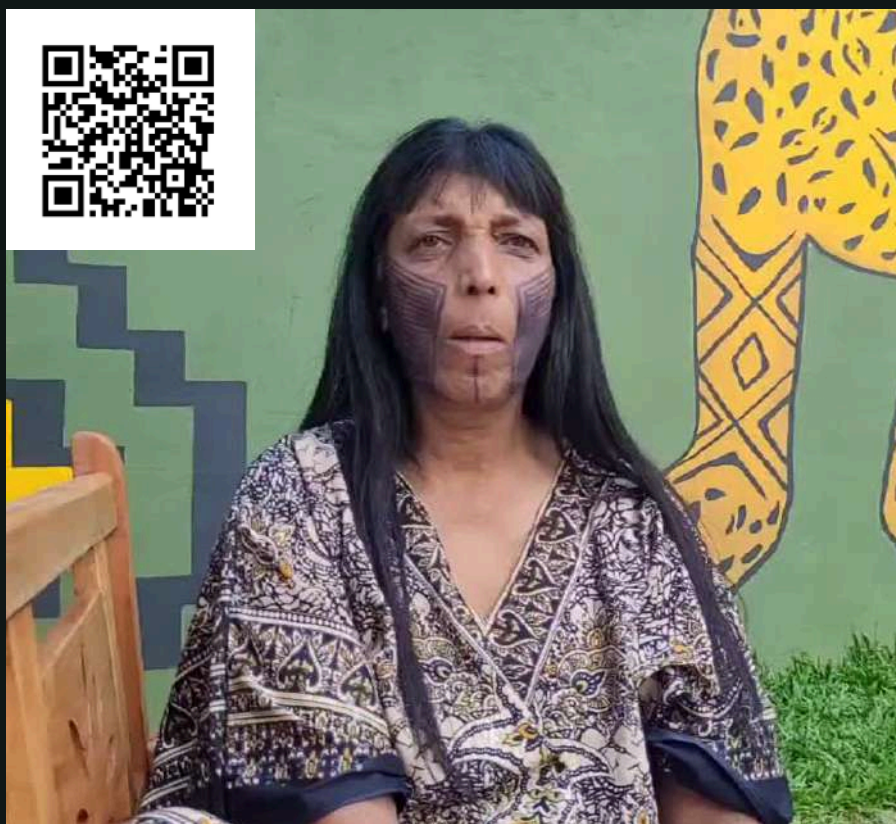
Assim, faz-se especialmente necessário que o MCI exerça seu papel educativo, realizando visitas mediadas para grupos escolares, cursos formativos para professores, eventos educativos, ações de parceria entre museu e escola, produção de materiais educativos para uso em sala de aula, entre outras iniciativas voltadas para a aplicação da Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino regular, em conjunto com as instituições educacionais.

Nesse sentido, o Museu das Culturas Indígenas assume o importante papel de, além de ser um dos diversos pontos de referência acerca das culturas indígenas na capital paulistana, ser o único museu da cidade de São Paulo voltado exclusivamente para tal temática. Por isso, a atuação do setor educativo e formativo (NUTRAS) é de extrema importância, tornando o MCI um centro de referência para escolas, professores e alunos que desejam aprofundar-se nas questões indígenas e também ter contato direto com os povos indígenas.

Uma outra peculiaridade a respeito da educação museal num museu indígena é o papel de tudo aquilo que convencionamos chamar de "música". **As práticas sonoras, os cantos e as danças têm um papel central e profundamente transformador em qualquer sociedade indígena, conectando espiritualidade, organização social, memória e aprendizado.** Por isso, muitas vezes, o MCI será um espaço construído por muita musicalidade.



Apresentação do Grupo de Toré Filhos Desta Terra no abril indígena 2023



 https://youtu.be/mCY_EPK18cU

"A gente precisa que as pessoas entendam essa realidade da situação dos povos, o desmatamento, a questão do clima [...] Essa é a intenção, também, do Museu: mostrar esse outro lado" – Sonia Ara Mirim – Mestra de Saberes

"Tem que trazer um pouco de cada etnia, acho que vale a pena cada etnia pensar também o que a gente pode trazer no Museu, acho que isso é importante"
– Natalicio Karai – Mestre de Saberes

"Um dos temas importantes que deve ter sempre no Museu é falar sobre a natureza, porque sem ela a gente não vive [...] e falar sobre a importância da cultura de cada povo, sempre respeitando a cultura um do outro, porque cada um tem um modo de vida" – Clarice Pankararu – Supervisora de Programação Cultural e ex-Mestra de Saberes

PERSPECTIVAS E NOÇÕES ORIENTADORAS

Considerando as perspectivas indígenas sobre educação, as estratégias de educação e transformação são construídas a partir de uma reflexão contínua junto aos Mestres de Saberes a respeito de ideias, princípios, conceitos e noções que articulem saberes, lutas, práticas de memória e de transformação no Museu e nos demais territórios.

MEMÓRIA

TERRITÓRIO

FORTALECIMENTO

LEGITIMIDADE

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

VISIBILIDADE

BEM VIVER

DIVERSIDADE

GENOCÍDIO

LUTAS

MEMÓRIA

A cultura nunca deve ser esquecida, pelo contrário, ela deve ser mantida viva através da transmissão da sabedoria para novas gerações. É através das práticas de memória e convivência que as comunidades se fortalecem. A memória dos que lutaram pelos povos indígenas no passado também os fortalece. Por causa deles, os indígenas estão ainda hoje firmes e fortes. Memória e resistência caminham juntos.

TERRITÓRIO

O Museu das Culturas Indígenas reconhece que o território brasileiro, principalmente as cidades, pertence aos povos indígenas. No entanto, a preocupação acerca da territorialidade não se refere apenas ao domínio sobre os espaços, mas sim à garantia de que a ocupação dos mesmos permita aos povos os direitos reconhecidos pela Constituição da República Federativa do Brasil (1988), no artigo 231:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Para os povos indígenas, o território é ligado à noção fundamental de Bem Viver. Assim, a defesa do território é também a defesa da cultura, dos saberes, da espiritualidade e da vida.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental é importante porque o ciclo da vida começa no equilíbrio da natureza, e sem esse equilíbrio não é possível viver. É importante mostrar para as crianças, principalmente para os filhos dos não indígenas, o quanto a natureza é importante para a sobrevivência de todos. Por isso, como parte da mediação educativa, os Mestres de Saberes orientam o público, mas sobretudo as crianças, a cuidarem do meio ambiente. Os jovens e adultos, através da consciência crítica, podem contribuir com mudanças coletivas de atitude em relação à preservação ambiental e à biodiversidade, sendo assim urgente garantir a educação ambiental.

GENOCÍDIO

Para grande parte dos povos indígenas, o genocídio não é somente o ato de violência e de massacre, mas possui também uma ligação com o espiritual. Na concepção guarani mbya, Ñanderu Ete ama a todos da mesma forma, mas os seres humanos às vezes não têm respeito. Sabemos que quem pratica genocídio são os não indígenas, que em nome do lucro e avareza provocam violências não só contra os povos indígenas, mas também contra as matas e a natureza, que também são corpos espirituais. Os indígenas estão presentes no MCI para representar suas culturas, demonstrar sua força, e também para conscientizar as pessoas sobre o que está acontecendo nas realidades dos povos.

LEGITIMIDADE

A questão da legitimidade dos povos indígenas é algo sensível e latente principalmente fora das comunidades. O Museu das Culturas Indígenas propõe que os diversos povos indígenas que compõem o Museu em suas exposições e corpo técnico possuam autonomia para narrar suas próprias histórias e falar sobre si mesmos, sobre seus territórios, crenças e culturas. Assim, a legitimidade do discurso é garantida, tendo em vista que os locutores são os próprios indígenas, que falam sobre suas próprias etnias e vivências.

FORTALECIMENTO

O fortalecimento das lutas indígenas e das comunidades através de ações do Museu das Culturas Indígenas é essencial para a resistência dos povos. Têm destaque as iniciativas que promovem o acesso dos indígenas aos espaços não indígenas, e ações na comunidade que valorizem a espiritualidade e os saberes tradicionais.

LUTAS

As lutas de resistência dos povos indígenas remontam à época em que o Brasil foi invadido pelos colonizadores. Com a cooperação entre povos, estrutura-se cada vez mais a luta por direitos, que só são garantidos através da resistência. O Museu foi conquistado através dessas lutas dos povos indígenas, com destaque para os guarani do estado de São Paulo. Este lugar é um ponto de referência, onde os indígenas podem falar sobre as suas lutas, pois mesmo tendo conquistado o Museu, elas continuam.

BEM VIVER

Para os Guarani, Tekoa é onde se vive junto e bem. Uma possível tradução do termo para o português poderia ser "aldeia". No entanto, a Tekoa não pode ser considerada apenas o local ou território da aldeia, devendo ser compreendida como toda a convivência, os valores e as atividades coletivas feitas no território.

O MCI é muito importante para o Bem Viver, porque no Museu o Bem Viver já é praticado e compartilhado, mesmo entre indígenas e não indígenas. Juntos brincamos, aprendemos, nos fortalecemos, convivemos, abrimos o coração para cada um, ou seja, criamos também uma comunidade.

DIVERSIDADE

Como forma de combate aos estereótipos acerca dos povos indígenas, sobretudo referentes às práticas culturais, o Museu das Culturas Indígenas tem como princípio apresentar e valorizar a diversidade de povos que habitam o território brasileiro, assim como seus diferentes modos de viver, línguas, saberes, lutas e patrimônios culturais. No Brasil, existem 274 línguas indígenas faladas por 305 diferentes povos, segundo o censo realizado em 2010.

A missão da promoção da diversidade não se resume aos povos indígenas, mas é também voltada para a biodiversidade, que é de suma importância para a sobrevivência, resistência e garantia do modo de vida das comunidades indígenas e de toda a sociedade.



NUTRAS

NÚCLEO DE TRANSFORMAÇÃO E SABERES

O Núcleo de Transformação e Saberes (NUTRAS) foi formado pela união entre os setores Educativo e de Formação do Museu das Culturas Indígenas. É composto por uma supervisora, duas assistentes de formação, uma educadora, seis estagiários indígenas e nove Mestres de Saberes, que são os educadores indígenas. O protagonismo e a legitimidade de suas narrativas é imprescindível para a reformulação de sentidos e diálogos interculturais entre os públicos visitantes e o patrimônio cultural envolvido na temática do Museu.

A ideia de "Tava", traduzida pelos Guarani como Casa da Transformação, inspirou o nome dado ao Núcleo. O NUTRAS é responsável pela mediação, atendimento e organização das visitas dos diversos públicos espontâneos ou de grupos. Sua atuação também apoia ações de acessibilidade frente a uma programação cultural diversificada, com sistemas de comunicação qualificados para o cumprimento da função social do Museu. Além disso, é o setor responsável por desenvolver variadas propostas de formação.

OBJETIVOS

Visibilizar os Povos Indígenas através de ações educativas e formativas

Promover a discussão sobre as histórias, lutas, saberes e produções indígenas, sobretudo a partir de suas próprias falas, possibilitando, assim, que os indígenas sejam ouvidos e que o público tome conhecimento da existência da pluralidade de comunidades indígenas no Brasil, com suas lutas comuns e suas diferenças.

Construir um espaço de indígenas para indígenas

Focalizar não apenas a participação dos povos indígenas, mas a ocupação, apropriação e usufruto pleno do espaço por eles conquistado, propiciando, inclusive, a geração de renda com autonomia e protagonismo, a partir da comercialização de seus artesanatos e demais produções.

Responder a demandas indígenas

Atender aos interesses dos povos indígenas quanto à necessidade de um espaço para o encontro coletivo; a veiculação de suas histórias; suas formas de praticar a educação, produzir e compartilhar memória; sua relação com o tempo e suas estratégias de transmissão para o futuro; as relações com a museologia e políticas patrimoniais; a conscientização e condução de políticas públicas e as estratégias de apropriação e compartilhamento de saberes.

Combater estereótipos

Por meio das conversas e debates com o público não indígena, viabilizar a construção de um olhar diferente sobre os povos indígenas, questionando preconceitos e estereótipos enraizados no senso comum, e problematizar e superar visões ultrapassadas.

Contribuir para a transformação dos currículos escolares nas escolas indígenas e não indígenas

Promover atividades formativas, discussões, rodas de conversa e demais ações para contribuir para o amadurecimento das lutas indígenas em prol de uma educação mais inclusiva e que respeite as especificidades das culturas indígenas. Contribuir também para a transformação e atualização dos conteúdos abordados nas escolas não indígenas.



EQUIPE E ATRIBUIÇÕES

MESTRES DE SABERES:

Os Mestres de Saberes são o coração do MCI, são a presença indígena e a relação direta com o público. Trazem suas narrativas e um pouco da enorme diversidade cultural dos povos no Brasil, e compartilham cada um com o público seus distintos modos de falar e educar. Contribuem para a valorização dos saberes originários e para o diálogo das culturas indígenas com a educação dentro e fora do Museu, possibilitando a criação e o aperfeiçoamento dos espaços de representatividade indígena nos equipamentos públicos de cultura.

EDUCADORA:

Organizar a visitação e as atividades educativas através de ações internas, que permeiam os momentos de interação com todos os tipos de público, desde o agendamento das visitações, o acolhimento e a orientação expográfica, e as avaliações. Contribuir para a elaboração e desenvolvimento de projetos e oficinas, auxiliar na construção da escala de trabalho dos Mestres até ações externas com instituições afins.

ESTAGIÁRIOS:

Acompanhar e auxiliar a rotina dos Mestres de Saberes e dar suporte para as atividades do NUTRAS.

SUPERVISORA:

Supervisionar e realizar as atividades do Centro de Formação do Museu, propondo diretrizes, elaborando estudos, termos de referências e projetos do Centro, acompanhando a execução a implantação, avaliando resultados, elaborando relatórios e documentos da área. Supervisionar as atividades educativas do MCI, conceituando e implementando o plano de trabalho e projetos especiais do NUTRAS, programando, desenvolvendo, orientando e acompanhando ações da equipe de educadores, no atendimento dos diferentes tipos de público e no trabalho com conteúdo do Museu. Colaborar para a inscrição de projetos em leis de incentivo, elaborar documentos e relatórios do setor.

CONTATOS

<https://museudasculturasindigenas.org.br/>

+55 16 982570191

+55 11 3873-1541

formacao@museudasculturasindigenas.org.br

educativo@museudasculturasindigenas.org.br

MESTRES DE SABERES

No MCI, os Mestres de Saberes são uma parte essencial e articuladora das exposições, sendo voz ativa na produção das narrativas que dizem respeito a si mesmos. O público é convidado a repensar suas relações através da interação e da escuta para que haja uma plena fruição da visita.

São agentes de transformação de diversas etnias, e trabalham no Museu para **reflorestar mentes**. Atualmente, trabalham como educadores no Núcleo de Transformação e Saberes do MCI, mas é possível que cada vez mais atuem em todos os setores, trazendo de modo transversal suas referências e modos de construir a TAVA e promover uma sociedade que respeite e inclua de fato a diferença.



Núcleo de transformação e saberes - PLANO EDUCATIVO



**SÔNIA ARA MIRIM
XUKURU-KARIRI
TEKOA YTU**

Nasceu em São Paulo, sua mãe é do povo Xukuru Kariri. Em 1992, foi acolhida pelos Guarani Mbya na região de Parelheiros. Sônia é uma importante liderança feminina indígena e uma das referências na luta em defesa da Terra Indígena Jaraguá, além de atuar como brigadista florestal no combate das queimadas na região do Pico do Jaraguá, na zona oeste de São Paulo. É Mestre de Saberes desde a inauguração do MCI, e foi curadora das exposições *Nhe'ẽ ry* e *Hendu Porã'rá*.

É Guarani Mbya e nasceu no Paraná, na aldeia Pinhal. Com 16 anos, passou a morar na aldeia Tenondé Porã em Parelheiros, na cidade de São Paulo, e há mais de 20 anos vive na Terra Indígena Jaraguá. É Mestre de Saberes desde a inauguração do MCI e artesão, fazendo esculturas de animais em madeira. Em sua aldeia é considerado xeramõi, um ancião e líder religioso. Gosta de falar sobre sua cultura, a espiritualidade e tradições do seu povo, passando para os mais novos aquilo que aprendeu com seus mais velhos.



**KARAI NATALÍCIO
GUARANI MBYA -
TEKOA PYAU**



**CLAUDIO VERA
GUARANI MBYA -
TEKOA YVY PORÃ**

É Guarani Mbya, Mestre de Saberes do MCI, trabalhou por 10 anos como professor da rede pública, lecionando Língua Materna e Cultura Étnica nas Terras Indígenas Tenondé e Krukutu. Toca violão guarani e ravé, joga futebol, já viveu em diversos territórios indígenas pelo Brasil e passou por territórios indígenas pelo mundo.

Traz conhecimentos sobre cosmovisão guarani, comidas, crenças, pássaros, flora etc.

Pertence à etnia Wassu Cocal, cresceu na cidade de Guarulhos e desde 2020 vive na Reserva Indígena Filhos desta Terra, localizada na mesma cidade. Gosta de desenhar e também de cantar e dançar Toré. Já criança, dava palestras na sua escola falando sobre sua cultura e desde então acompanha seus pais nas apresentações tocando seu maracá. Atualmente é Mestre de Saberes no MCI.



**WEKSILANIA YNAIÊ MÁXIMO WASSU
WASSU COCAL -
RESERVA INDÍGENA FILHOS DESTA
TERRA**



**KAWAKANI MEHINAKO
MEHINAKO -
ALTO XINGU**

Pertence à etnia Mehinako do Alto Xingu, passou a morar em São Paulo para estudar odontologia e foi estagiária no MCI. Trabalhou na biblioteca da exposição Xingu do Instituto Moreira Salles. Conta histórias, ensina cantos e danças de seu povo, faz pinturas corporais, traz saberes da educação, dos sonhos, dos rituais, do uka uka yamurikumã - luta das mulheres xinguanas e é Mestra de Saberes no Museu desde setembro de 2023 .

Pertence ao povo Pankararu e vive na comunidade Pankararu, localizada no bairro do Real Parque, na zona sul de São Paulo. Tem formação na área de administração e está no museu desde agosto de 2022 tendo já trabalhado na parte administrativa. É Mestra de Saberes desde setembro de 2023.



**EDIELE DA SILVA NASCIMENTO
PANKARARU -
REAL PARQUE**



**TSERENHÕ'Õ TSEREDZAWÊ
- XAVANTE**

É da etnia Xavante, nascido na aldeia São Marcos, em Barra do Garça/MT, viveu também na aldeia Nossa Senhora de Guadalupe e hoje reside em São Paulo. Os Xavante são reconhecidos pelo corte de franja e o uso de madeira na orelha e/ou adereços de gravata no pescoço. Já trabalhou com brinquedos e brincadeiras de herança cultural indígena e é Mestre de Saberes no Museu desde setembro de 2023.

Indígena da etnia Tupi-Guarani, nasceu no interior do Estado de São Paulo, na Terra Indígena Araribá, e mora desde os sete anos de idade na Tekoa Pyau, na T.I Jaraguá. Adora crianças, gosta de cantar e dançar e jogar futebol. É Mestre de Saberes no Museu desde outubro de 2024.



**RHAKANY ARUANI ALVES
JACINTHO - TUPI-GUARANI**



**YRIWANA KARAJA
- KARAJÁ**

Yriwana é da etnia Karajá, nascido no Tocantins, na aldeia Santa Isabel do Morro, onde cresceu. Atualmente vive em São Paulo e começou a trabalhar no Museu das Culturas Indígenas em novembro de 2023. Diz estar muito feliz em compartilhar um pouco de seu conhecimento e da cultura do povo Karajá.



**MICHEL WERA POPYGUA
GUARANI MBYA -
TEKOA ITAKUPE**



**CLARICE PANKARARU
PANKARARU - REAL
PARQUE**



**JOSIANE PARA YVOTY
GUARANI MBYA -
TENONDÉ PORÃ**



**JEFERSON XONDARO
GUARANI MBYA -
TEKOA PYAU**



**GILMAR WERA TXUNU
GUARANI MBYA - TEKOA
PYAU**



**ANTONY KARAI POTY
GUARANY MBYA - TEKOA PYAU**



**MARU HUNI KUIN
- HUNI KUIN**

núcleo de transformação e saberes – PLANO EDUCATIVO



 https://youtu.be/mCY_EPK18cU

"Estou aqui na casa sagrada. A gente fala bastante da nossa cultura. A gente está mostrando a nossa cultura verdadeira, a nossa vivência".

Natalicio Karai – Mestre de Saberes



<https://youtu.be/ERe EdqCPho>

"A minha função é essa, de receber o público, falar sobre o andar, a história do andar e falar também sobre a questão do movimento indígena, que hoje é um movimento que tá se fortalecendo".

Sônia Ara Mirim



 <https://youtu.be/K1dUj4HXcl>

"O Mestre de Saber é uma palavra muito forte, porque é uma palavra que envolve sabedoria. É uma sabedoria que é ensinada de gerações em gerações, é passada dos mais velhos pros mais novos".

Michel Popygua – ex-Mestre de Saberes

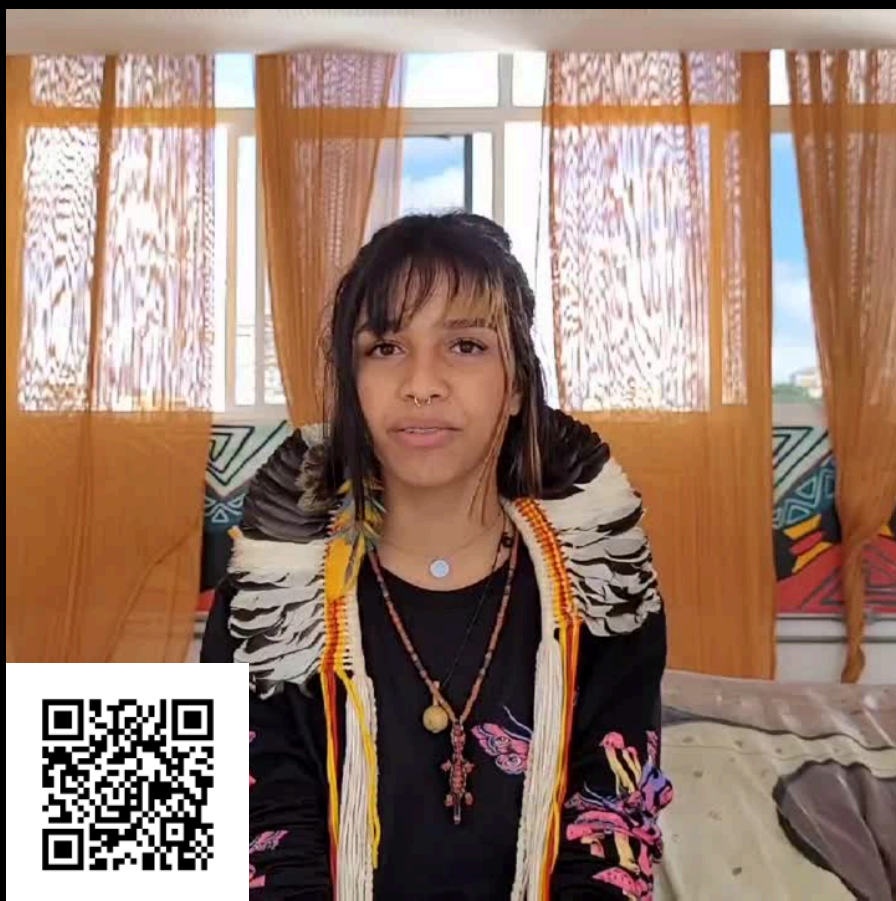


 <https://youtu.be/RAQ1mAkhPME>

"Nosso papel aqui dentro é receber os visitantes, orientar, trazer um pouco da nossa realidade, dos povos indígenas que vivem dentro das aldeias e falar um pouco também dos indígenas que vivem no contexto urbano, da importância de cada povo, de cada localidade que cada um vive".

Clarice Pankararu – Supervisora de Programação Cultural & Ex-Mestre de Saberes

núcleo de transformação e saberes – PLANO EDUCATIVO



 <https://youtu.be/Nojb6WirDpQ>

"Isto aqui é realmente só um ponto da grande diversidade que existe. A gente vai tirando as dúvidas do pessoal, mesmo não estando representadas todas as culturas no Museu, a gente vai falando sobre as outras".

Weksilania Ynaiê Máximo Wassu – Mestra de Saberes

núcleo de transformação e saberes – PLANO EDUCATIVO

PROGRAMA DE ESTÁGIO



Atividade realizada por estagiárias na semana das crianças. 2022.

Como parte das ações voltadas ao protagonismo indígena no Museu das Culturas Indígenas, procura-se que cada vez mais o corpo de funcionários seja composto por indígenas em todos os cargos e funções. O MCI também considera fundamental a participação da juventude indígena na construção da TAVA, gerando transformações em diversas esferas do Museu. A experiência dos estudantes em programas de estágio é de grande importância para suas formações a partir da inserção em atividades profissionais e, no caso do Museu das Culturas Indígenas, também em atividades culturais e vivências que despertam ou aprofundam o contato dos jovens indígenas às suas culturas ou outras. Além disso, o programa de estágio procura incluir os participantes nas formações para a equipe do Museu, em visitas técnicas a outros museus e na participação de atividades externas.

Fazem parte do corpo de estagiários indígenas estudantes do ensino médio ou superior, cursando diferentes áreas do conhecimento. É uma oportunidade também para conhecer outros setores do Museu, ter contato com outras áreas de formação e desenvolver habilidades de acordo com seu perfil.

O estagiário do NUTRAS tem como atribuições auxiliar na organização de visitas educativas, acompanhando os mestres de saberes, apoiar a produção e organização de materiais de apoio, aplicar e tabular pesquisas de avaliação de visitas para públicos diversos, acompanhar eventos, atividades e visitas mediadas pelos mestres de saberes, realizar registros fotográficos de atendimentos e cursos, realizar atividades organizativas, e participar de reuniões do NUTRAS e de formações com especialistas no campo da educação. Também é encorajado a propor e conduzir algumas atividades, nas quais compartilha suas próprias experiências com os públicos.



Estagiário ensinando a Brincadeira da Onça para crianças em visita escolar, 2023.



ESTRATÉGIAS

DE TRANSFORMAÇÃO E SABERES

VISITAS MEDIADAS

A mediação de visitas é realizada tanto com grupos quanto com o público espontâneo. No caso de visitas em grupo, é necessário que seja realizado o agendamento prévio, com o intuito de organizar o fluxo de visitas, otimizar a mediação dos Mestres de Saberes e garantir o cumprimento das medidas de segurança. Os agendamentos de visitas em grupos, sejam eles escolares ou não, devem ser feitos via formulário de agendamento, disponível no site do MCI. Após o recebimento do pedido de agendamento pela educadora do Núcleo de Transformação (NUTRAS/MCI), a confirmação será enviada via e-mail.

As visitas em grupo têm duração de aproximadamente 1h30, incluindo o tempo de acolhimento e encerramento, e ocorrem às terças-feiras, quartas-feiras, sextas-feiras, sábados e domingos, com três horários disponíveis por dia: às 10h, 11h e 14h. Às terças-feiras, o agendamento é exclusivo para grupos específicos (indígenas, idosos, PCDs, pessoas em situação de vulnerabilidade social, e pesquisadores). O limite máximo por grupo é de 60 pessoas. Os grupos com até 30 pessoas permanecem juntos, enquanto aqueles que são compostos por um número maior são divididos para evitar superlotação nas salas expositivas. É obrigatória a presença do(s) responsável(eis) pelo grupo durante toda a visita, sendo que para grupos com mais de 30 pessoas é necessária a presença de, no mínimo, 2 responsáveis. Para grupos com crianças menores de 10 anos, solicitamos a presença de 1 responsável para cada 10 crianças.

As visitas iniciam no pátio, com o acolhimento e fala inicial dos Mestres e da educadora. Neste momento inicial são repassadas algumas orientações gerais sobre a visita, tais como a duração, o circuito, os Mestres responsáveis, as atividades a serem realizadas e demais informações pertinentes. É ressaltada, também, a necessidade de respeito com o espaço do Museu e com os educadores.

Em seguida, o grupo é direcionado para o 7º andar, sala multiuso, através do elevador. Nesse momento é realizada uma espécie de triagem, levantando conhecimentos prévios e questões, e apresentado o Museu e as exposições. Em seguida, o grupo faz a visita dos andares expositivos inferiores através das escadas. Ao final da visita, o grupo retorna ao pátio, onde poderá ser feita uma atividade educativa ou o encerramento, a depender da disponibilidade do grupo e dos educadores.

Ao término da visita do(s) grupo(s), estes devem reunir-se novamente no pátio para que seja feito um momento final de reflexão, esclarecimento de dúvidas pendentes e para que as pesquisas de satisfação do(s) estudantes e educador(es) ou responsável(eis) pelo grupo seja preenchida.

A mediação das visitas, agendadas ou espontâneas, é dinâmica e adaptável considerando as necessidades e interesses do público, além da categorização do mesmo de acordo com os perfis previamente descritos e mencionados. É feito um constante trabalho de percepção dos focos de interesse dos visitantes para que o discurso e o roteiro de mediação correspondam aos desejos do público, ainda que não deixando de lado os conceitos, ideias e narrativas elaboradas pelos povos indígenas.



Visita mediada pelo ex-Mestre de Saberes Michel Popygua

ATIVIDADES EDUCATIVAS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Histórias tradicionais, de vivências e saberes indígenas



JOGOS E BRINCADEIRAS

Arco e flecha, zarabatana



CANTOS E DANÇAS TRADICIONAIS

Toré, cantos e danças guarani



OFICINAS DE ARTESANATO

Para idades diversas



JOGOS E BRINCADEIRAS

Brincadeiras Tradicionais



PINTURA CORPORAL

Pinturas tradicionais



PESQUISA E PRODUÇÃO DE REPERTÓRIOS E MATERIAIS EDUCATIVOS

Além da mediação com o público, dos processos formativos internos e atividades de qualificação e avaliação, faz parte das atribuições da equipe uma rotina de alinhamentos internos e a dedicação a estudos e pesquisas que permitam aos Mestres e educadores a produção de repertórios que enriqueçam a experiência de mediação e atividades educativas e formativas no Museu das Culturas Indígenas.



Mestres examinam materiais cedidos por equipe do SESC Piracicaba

MATERIAIS EDUCATIVOS NO MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS

"Os jogos, as brincadeiras, são formas de a gente aprender de que maneira a gente tem que conviver junto, numa certa harmonia, [...] porque tudo acaba virando um comprometimento de todo mundo." Daniel Munduruku

Além da mediação com o público, dos processos formativos internos e atividades de qualificação e avaliação, faz parte das atribuições da equipe uma rotina de alinhamentos internos e a dedicação a estudos e pesquisas que permitam aos Mestres e educadores a produção de repertórios que enriqueçam a experiência de mediação e atividades educativas e formativas no Museu das Culturas Indígenas.

Após um ciclo inicial de pesquisa com toda a equipe, os materiais educativos usados pelo Núcleo de Transformação e Saberes do Museu das Culturas Indígenas começaram a ser elaborados e adquiridos, e já estão sendo utilizados nas nossas atividades. Nesses materiais prezamos por concepções de educação indígena, expressas na valorização da partilha de experiências sensíveis, da participação ativa do público através da observação e interação com o espaço e entre todos, bem como da acessibilidade e da ativação da reflexão e da memória. Foram analisados também alguns materiais existentes em outras instituições culturais cuja temática se aproxima com a do MCI. Além disso, a proposta é que sejam acessíveis para o público com deficiência.



Crianças brincando com o Jogo dos Detalhes em visita mediada. 2023.

MATERIAIS ARTESANAIS E USO APLICADO À ACESSIBILIDADE

Foram adquiridos aproximadamente cem objetos indígenas, entre arco e flechas, cestos guaranis, esculturas Mbya de animais em madeira, um praiá Pankararu confeccionado em palha, petecas em palha, zarabatanas e maracás da etnia Wassu-Cocal. Também temos espigas de milho (avaxi, em Guarani) e urucum. As etnias de origem dos objetos adquiridos são as etnias dos mestres que compõem a equipe, de modo que cada um tenha à mão ferramentas educativas de sua própria cultura.

Esses objetos são utilizados em visitas com todos os tipos de público e são aliados em visitas que demandam acessibilidade. Eles podem ser tocados e manuseados, o que possibilita a vivência de visitantes cegos ou com baixa visão. Para visitantes surdos, os objetos também podem mediar a comunicação com os mestres de saberes.



Materiais artesanais. 2023.

JOGOS E BRINCADEIRAS

Os jogos são uma importante ferramenta de educação e mediação que um museu pode utilizar. O NUTRAS tem desenvolvido alguns jogos, e recebeu doações de dois com temáticas indígenas. Um deles é o Jogo das Memórias Indígenas, produzido para o Sesc Bahia pela artista Mura Auá Mendes, que trabalhou como designer no MCI. O segundo chama-se “Quem é Ela?”, e é composto por cartas onde figuram mulheres indígenas com trajetórias de resistência e informações sobre os biomas onde vive cada uma delas.

Jogo dos detalhes

Um dos jogos elaborados pela própria equipe foi o "Jogo dos Detalhes" (em guarani "mba'emo an rangá ja'eka"), a partir das pinturas e grafismos que cobrem a fachada e os muros do pátio do Museu. Com uso durante as visitas em grupo, o objetivo é instigar o olhar e a atenção para as obras e o espaço externo.



Jogo dos detalhes confeccionado pelo NUTRAS. 2023.



Jogo do Milho. 2023.

Jogo do milho

Outra brincadeira é o “*Jogo do milho*”, que começa com a debulha de 47 grãos de milho. Desses, 7 serão o dado e os outros 40 serão as peças. Os grãos usados como dado devem ser pintados de preto em uma das faces. Assim, ao jogar, as faces pretas viradas para cima indicarão quantos milhos cada jogador deve pegar do monte. Ao final, quem tiver acima de 21 grãos, ganha. Esse jogo foi utilizado em algumas formações de professores.

Brincadeira da onça

A equipe do NUTRAS também imprimiu três tabuleiros da “*Brincadeira da Onça*” em tamanho A3, como opção de material de apoio para visitas e atividades lúdicas com o público. O tabuleiro está disponível no livro *Jogo da Onça*, publicado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo em 2020.

Os conjuntos de peças foram impressos e plastificados, e um conjunto de peças em madeira (foto) foi adquirido de Luís Karai, do povo Guarani Mbya, e membro do Conselho Aty Mirim.



Brincadeira da Onça



Alvo para arco e flecha. 2023.

Confecção de alvos

Para o uso dos arcos e flechas, a equipe de estagiários do NUTRAS confeccionou alvos em isopor, utilizados para atividades com o público no pátio do Museu.

Material impresso com brincadeiras indígenas

Outro material elaborado foram cartilhas em A3, expostas abaixo, que apresentam brincadeiras e jogos tradicionais indígenas, com instruções e ilustrações, e que também pode ser uma ferramenta disponível aos educadores que visitam o MCI. O conteúdo dessas cartilhas será incorporado aos Cadernos Temáticos, que serão apresentados nas próximas páginas.



MATERIAIS DE APOIO PARA VISITANTES/EDUCADORES

Folder de acolhimento

Foi elaborado um folder em formato A5, dobrável, com objetivo de informar os visitantes das exposições em cartaz no MCI, além de propor questões que suscitem reflexões quanto ao conteúdo de cada andar. Através deste panfleto, a mediação da exposição inicia-se antes mesmo que o visitante adentre o MCI. Para o ano de 2024 está programada a atualização e impressão do material.

"OCUPAÇÃO DECOLONIZADA - SP TERRA INDÍGENA" - COLETIVA



Uma das exposições temporárias que integra o MCI ocupa os finais de semana, casas repletas e empoeiradas, e está equipada por tudo o que precisa para proporcionar um excelente momento artístico.



No centro do pólo do museu está um espaço com informações sobre os alunos e artistas, expostos lá dentro há QR Codes com mais informações. Com certeza você a buscará um pouco, atento pelo espaço, observar os detalhes e procurar essas informações também estão disponíveis para educadores, professores e especialistas artísticos podem ser realizados a partir de uma programação aberta.

SALA MULTUSO

- RITA HUMI KISHI

Esta é uma sala bastante agradável para momentos de leitura e objetos que estão nas paredes. No teto do espaço é possível encontrar mais informações sobre o projeto Humi Kishi e as pinturas.

A Sala de Leitura é um espaço de convivência no 7º andar do Museu, onde os visitantes encontram os Museus de Saberes e incluem uma conversa que os convidamos a fazer de volta.

Esta sala é regida por intervenções artísticas de Rita Kishi, Humi Kishi, que compartilham a linguagem linguística.

É possível fazer um tour virtual pelo 7º andar. Basta clicar no link.



- Você já soube falar da história da língua? Que outras histórias de origem de sua povo você já conhece?
- Você gostaria de fazer alguma pintura, ou não, qual? Qual significado, história ou conexão com alguma palavra ou coisa?
- De que maneira você acha que os povos indígenas são tratados de hoje em dia? Você já soube alguma tradição de algum povo indígena?

YGAPO: TERRA FIRME

- DENILSON BANWA

A exposição de arte e música Denilson Banwa é um convite para experimentar a história e a cultura dos povos indígenas. É uma produção colaborativa, realizada, baseada e vivida por artistas indígenas.

Ygapó é a metáfora da resistência indígena que ressurta em constante renovação cultural, vem pela sobrevivência e compartilhamento de valores, valores, histórias e saberes de uma língua ancestral. É, assim, o canto, o forte com as vozes e a conexão que se faz entre os povos indígenas para o reconhecimento do trabalho e do saber. Mostra que através da arte, sua história indígena teve vida e aconteceu de outros povos e povos.

- Quais artistas indígenas contemporâneos você conhece?
- A divulgação desses trabalhos, como acontece no 8º andar, poderia ser transformada em vídeo sobre os artistas indígenas em processo?
- Quais práticas de alguns indígenas fazem parte de sua realidade?
- Quais tipos de povos indígenas você já viu? Você já ouviu ou alguma? De qual tradição eles são falantes?
- Qual é o seu significado ou conexão com a cultura?

MYMBA!, PEDINDO LICENÇA AOS ESPÍRITOS, DIALOGANDO COM A MATÁ A TLÁNTICA

- TAMIUKA TXIHI

Mymba!, primeira exposição em grande escala, que se desenvolveu como um projeto de busca por novos espaços e espaços dos povos que vivem de todos os lados das florestas.

A exposição é um chamado para reconhecer e aprender com os povos indígenas, suas histórias, suas culturas, suas histórias de resistência e fortalecimento de valores ancestrais, de Mito e de Ymmba, Ygapó, os animais representam temas em suas obras as histórias tradicionais dos povos indígenas, além de seguir a tradição de Mito e de Ymmba em conexão com o povo indígena. A criação dos animais foi realizada em oficina, parte do trabalho artístico Mymba!, concebido inicialmente para ser realizado em Tamiuká, Txihi.



- Que povos indígenas você já viu? Qual povo vive em qual língua?
- Quais animais da Mata Atlântica você conhece?
- Quais povos indígenas existem no Brasil? De que região?
- Qual a importância das histórias indígenas nos nossos tempos?
- Que povos contribuem para a diversidade dos Mymba! e para a preservação?

EXPOSIÇÃO MHE'RY: ONDE OS ESPÍRITOS SE BANHAM

- SÔNIA ARA MIRIM, CRISTINE TAKIÁ, CARLOS PAÍPI, SANDRA BEMTES

Mhe'ry é uma forma de arte e dança de Ymmba, um convite para que os visitantes se conectem com a história e a cultura dos povos indígenas. É uma produção colaborativa, realizada, baseada e vivida por artistas indígenas. O projeto Mhe'ry é uma forma de arte e dança de Ymmba, um convite para que os visitantes se conectem com a história e a cultura dos povos indígenas. É uma produção colaborativa, realizada, baseada e vivida por artistas indígenas.



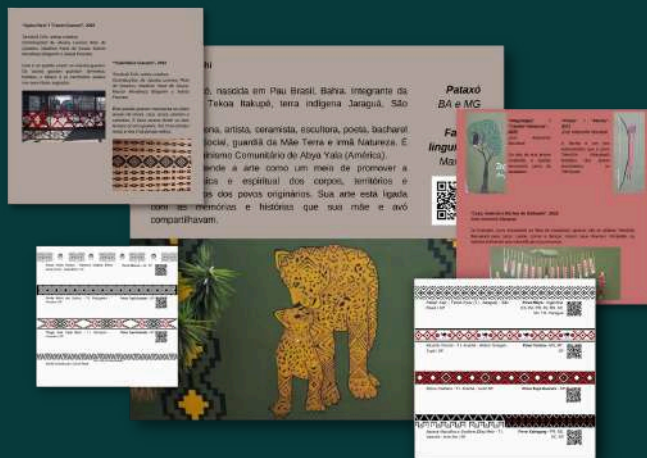
- Existem povos indígenas na Mata Atlântica?
- Você conhece alguma história ou tradição indígena da Mata Atlântica?
- Você sabe quais povos indígenas existem em sua língua? Como é a vida de alguns povos indígenas em sua língua? Como é a preservação?

Folder de Acolhimento. 2023.

MATERIAIS DE APOIO PARA A EQUIPE E MEDIAÇÃO

Uma equipe educativa precisa constantemente pesquisar e repensar suas referências. Como material de apoio, utilizamos um mapa do Brasil em que constam as etnias indígenas presentes em cada estado da federação. Utilizamos como principal referência as informações do site Povos Indígenas no Brasil, do Instituto Socioambiental (ISA), com quem estamos construindo uma parceria para o uso de materiais, principalmente mapas que a ONG vem desenvolvendo ao longo de décadas. Com finalidade de dar suporte aos Mestres de Saberes, também foram criados pela equipe alguns cartões com fotos e informações sobre as obras expostas na fachada e no andar térreo do Museu, e sobre seus respectivos artistas e etnias.

Produzimos um material com imagens de aves da Mata Atlântica inspirado na nova exposição do MCI, inaugurada no dia 04 de junho: “Nhe”ë ry – onde os espíritos se banham”. Seu primeiro uso foi no evento “Os Povos da Mata Atlântica: Diálogo com Mestres de Saberes”, que ocorreu no Parque da Água Branca. O Mestre de Saberes Cláudio Vera Popygua utilizou as cartas ilustradas para convidar os participantes a acionarem memórias visuais e auditivas. O mesmo acontece com o Mestre de Saberes que media a atividade, suas memórias são movimentadas e trazidas em forma de narrativa, contando sobre a relação dos Guarani Mbya com a mata e os seres que vivem nela.



Materiais de apoio confeccionados pelo NUTRAS. 2023.



Materiais de apoio para a equipe. 2023.



Atividade com uso do material das aves da Mata Atlântica, 2023.

A Mestre de Saberes Kawakani Mehinako pintou os grafismos do povo mehinako e compôs uma pasta com vários deles. Cada grafismo conta uma história de criação do mundo e tem suas regras para quando, por quem e em quem pode ser feito. Ao contar as histórias de criação dos grafismos e de como são feitos, Kawakani conta ao público um pouco sobre o seu povo.



Kawakani utilizando os grafismos no Curso para Educadores: Folhas, caminhos e palavras, 2023.



Maquete que representa o bioma Pantanal, 2023.

Sonia Ara Mirim com ajuda de Weksilania Ynaiê Wassu, está construindo maquetes com representações dos biomas brasileiros. Sua fala, que sempre perpassa as temáticas da relação entre os povos indígenas, os biomas e a importância da luta pela demarcação dos territórios como forma de ajuda a preservação dos biomas, ganha um apoio tátil e visual.

O Mestre Maru Huni Kuin fez uma gravura a lápis em cartolina A1 com a representação da Jiboia, animal sagrado, para utilizar em visitas educativas e formações na sala multiuso como um apoio para contar histórias que apresentem a cosmologia do povo Huni Kuin, do Acre.



Maru Huni Kuin elaborando seu material, 2023;



Chapéu do menino do rancho em cartolina, 2023.

A Mestre de Saberes Ediele Pankararu confeccionou, em cartolina, um chapéu do Menino do Rancho, para utilizar como material de apoio nas visitas e formações ao falar sobre as celebrações e rituais do povo Pankararu.

Calendário Guarani

O Calendário Guarani é destinado ao uso em visitas educativas no 7º ou 5º andar, em diálogos sobre a cosmologia e temporalidade guarani, os rituais e processos espirituais, plantio e colheita, e toda organização da vida e dos tempos de ação e recolhimento. No início, intencionou-se que fosse produzido em formato de banner impresso, no primeiro quadrimestre foram buscados designers indígenas que pudessem elaborar a arte mas na ausência de profissionais indígenas disponíveis optou-se por outro formato. Sob supervisão do NUTRAS, foram organizadas conversas em torno do calendário que já existia no Museu, emprestado pelo mestre de saberes Natalício Karai, e produzido para e pelas escolas indígenas do Território do Jaraguá, junto à assessoria técnica Peabiru, ao Governo do Estado de São Paulo e ao Programa de Ação Cultural e a Associação República Guarani Amba Vera.

Natalício, um mestre mais velho, apresentou o calendário e alguns dos saberes que estão contidos nele aos mais jovens. A sua fala foi feita em guarani e português. Após as conversas e orientações dos mais velhos, os estagiários guarani produziram um novo calendário com apoio da consultora Carolina Velasquez e da equipe do NUTRAS, que agora forma o acervo do NUTRAS e já está em utilização nas atividades educativas.



Mestre de Saberes Natalício Karai e o calendário Guarani, 2023.

Mapa povos indígenas do Brasil

A partir de uma demanda identificada desde a abertura do Museu pelos Mestres de Saberes, a equipe do NUTRAS procurou o Instituto Socioambiental (ISA) para o desenvolvimento de um mapa interativo que apontasse a existência das comunidades indígenas no território brasileiro, com ênfase no estado de São Paulo.

O Instituto Socioambiental é uma ONG brasileira fundada em 1994, dedicada à defesa dos direitos sociais, meio ambiente e povos indígenas. Atua por meio de programas e parcerias, sendo referência em questões socioambientais no Brasil. Seus objetivos incluem a preservação ambiental, proteção do patrimônio cultural e defesa dos direitos coletivos. O ISA colabora com diversas organizações e contribui para políticas públicas, pesquisas e ações práticas, destacando-se na promoção de soluções sustentáveis e justiça social. Desde o mês de abril foi dada continuidade às conversas com o Instituto Socioambiental (ISA) para estabelecer uma parceria fundamental para o Museu das Culturas Indígenas e aproveitar possibilidades de uso e cessão dos dados e mapas produzidos pelo Instituto a partir das necessidades e demandas do Museu.

No mapa interativo, ao selecionar umas das 611 Terras Indígenas dispostas na tela é possível visualizar o nome do território, seu tamanho em extensão e os povos que o habitam. Clicando no nome do povo, abre-se uma tela com um verbete que traz mais informações sobre a história e modo de vida de cada povo. O mapa é interativo, em uma tela que pode ser tocada e ficará disponível no sétimo andar.

Junto a isso, foi percebida a necessidade de atualização de alguns verbetes, como é o caso dos povos Tupi-guarani e Wassu-cocal, o que tem sido feito em parceria entre o ISA e conselheiros do Aty Mirim.

CONSTRUÇÃO DE UMA BIBLIOTECA

Através de doações do Instituto Socioambiental, dos Mestres de Saberes e da consultora do educativo está em construção uma biblioteca de referência para toda a equipe do NUTRAS e do MCI. Os títulos disponíveis tem por temática o trabalho educativo em museus e informações sobre a história e cultura de povos indígenas brasileiros. A equipe de estagiários está elaborando uma planilha com as informações de títulos, autoras/es e organizadoras/es, ano de publicação e forma de aquisição



Biblioteca do NUTRAS, 2023.

MATERIAL INFORMATIVO PARA EQUIPE GERAL DO MCI

A equipe do NUTRAS elaborou materiais gráficos informativos para toda a equipe do MCI sobre a identificação e condutas em relação à pessoas surdas, surdo-cegas, com baixa visão, TEA e/ou com transtornos ou deficiências ocultas. Estes cards foram entregues para todos os setores e afixados nas paredes e murais das salas, incluindo as equipes de funcionários terceirizados da limpeza, vigilância, bombeiros e recepção.

VOCÊ SABE O QUE SIGNIFICAM AS CORES DAS BENGALAS?

A bengala é um recurso de orientação e mobilidade para pessoas com deficiência visual. Como as pessoas podem ter variados graus de visão residual, a bengala costuma ser utilizada em três cores diferentes:

- CEGO (BRANCA)**
- BAIXA VISÃO (VERDE)**
- SURDOCEGO (BRANCA E VERMELHA)**

- BENGALA BRANCA: IDENTIFICA PESSOAS CEGAS;
- BENGALA VERDE: SINALIZA PESSOAS COM BAIXA VISÃO;
- BENGALA BRANCA E VERMELHA: INDICA PESSOAS SURDOCEGAS.

MCI-NUTRAS, 2023

CORDÕES DE IDENTIFICAÇÃO DE TRANSTORNOS E/OU DEFICIÊNCIAS OCULTAS

Os cordões são utilizados como símbolo de conscientização e apoio a pessoas autistas e/ou com transtornos ou deficiências ocultas. O cordão é um importante aliado para a acessibilidade das famílias e da pessoa no espectro autista.

Ambientes com muitos estímulos sonoros, visuais, olfativos e com muitas pessoas ao mesmo tempo alió, naturalmente, desafiadores para o autista, **como é o caso do nosso museu!** Em eventos culturais, o cordão de girassóis garante a **prioridade estabelecida por lei** (Artigo 2º-A da Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2006). A pessoa com cordão não precisa entrar na fila para adquirir seu ingresso, e deve receber um atendimento individualizado e respeitoso.

O cordão de quebra-cabeça é utilizado principalmente para pessoas no espectro autista. Já o cordão de girassóis abrange uma ampla gama de transtornos e deficiências ocultas, como:

- TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)
- TRANSTORNO DE ANSIEDADE
- TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)
- TRANSTORNOS DE HUMOR
- DOENÇAS CRÔNICAS
- ENTRE OUTRAS

MCI-NUTRAS, 2023

Cartazes informativos e educativos elaborados pelo NUTRAS para equipe do MCI, 2023.

VISITAS TÉCNICAS

Realização de visitas técnicas entre museus. Em 2022 e 2023 foram feitas trocas com: Museu Afro, Museu da Língua Portuguesa, Museu do Futebol, Museu do Ipiranga, Museu das Favelas, SESC Pompeia, Instituto Moreira Salles, MASP e a 35ª Bienal de Arte de São Paulo.



Visita do NUTRAS ao MASP, 2023.

PROJETOS PARA CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Rotineiramente, são elaborados projetos voltados a todos os públicos para captação de recursos, propondo atividades que componham o plano de trabalho do MCI e do NUTRAS, seguindo as expectativas trazidas pelo Conselho Aty Mirim. Em 2023, o MCI foi contemplado com o prêmio Darcy Ribeiro de Educação Museal, e teve o projeto de educação patrimonial nas aldeias, elaborado pelo NUTRAS, aprovado pelo IPHAN. Nosso projeto de formação proposto para a lei Rouanet também foi aprovado, e está em fase de captação.

AVALIAÇÃO

A avaliação das visitas mediadas e atividades educativas, que será detalhada adiante, é uma parte essencial do trabalho com o público. É através da escuta das demandas, críticas e sugestões que o NUTRAS é capaz de definir e repensar estratégias de atuação. Assim, entendemos que o momento da avaliação é também parte essencial da visita.



Alunos em visita escolar na exposição Nhe'ery, 2023.

Como estratégia de avaliação das visitas, do Museu e do seu corpo de funcionários como um todo, foram elaborados diversos sistemas de avaliação que, quando combinados, oferecem diferentes dados e perspectivas.

SISTEMAS DE PESQUISA DE PÚBLICO E NÃO-PÚBLICO

De forma a coletar dados de avaliação do público e, conseqüentemente do não-público (pessoas que ainda não frequentam o Museu), são utilizados três sistemas de avaliação diferentes. O primeiro é a Pesquisa Solvis, um totem disponibilizado no térreo e estrategicamente posicionado de forma que fique na saída da visita. Nesta pesquisa são avaliados os seguintes aspectos:

- Grau de satisfação da experiência no Museu;
- Atendimento do educador;
- Segurança dos colaboradores e visitantes;
- Oferecimento de uma experiência significativa;
- Sugestão de melhoria no atendimento ao público;
- Frequência no Museu;
- Meio de conhecimento do Museu;
- Sugestão, elogio ou crítica.

O segundo método, direcionado para a avaliação das visitas escolares. É uma pesquisa específica para educadores, baseada no modelo da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM). Além da coleta de dados acerca da instituição e da quantidade de pessoas no grupo, são avaliados pelo educador responsável pelo grupo:

- Interesse pela visita e motivo;
- Antecedência da programação da visita;
- Meio de conhecimento do Museu;

- Realização de atividades introdutórias prévias à visitação;
- Dificuldades encontradas para a realização da visita;
- Adequação da linguagem do educador para a faixa etária;
- Abordagem do conteúdo pelo educador;
- Abertura ao diálogo e participação pelo educador;
- Fatores que chamaram a atenção no educador que realizou a visita;
- Fatores que chamaram a atenção na visita;
- Destaque do espaço do Museu durante a visita;
- Interesse dos alunos em relação à participação na visita, exposições e temática;
- Contribuições da visita no trabalho desenvolvido em sala de aula;
- Pretensão de realização de atividade com os alunos após a visita;
- Sugestões.

SISTEMA DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES

Tratando-se dos eventos e atividades, foi desenvolvida uma ficha de avaliativa com pesquisa de público, para examinar os seguintes aspectos:

- Escolaridade;
- Idade;
- Gênero;
- Região habitada;
- Deficiências;
- Se veio acompanhado da família;
- Grau de satisfação com o oficineiro/palestrante, tema, infraestrutura, materiais utilizados, duração da atividade;
- O que foi satisfatório e insatisfatório sobre o evento/atividade;
- Sugestões de eventos e demais comentários.

Assim como as demais, as avaliações de eventos são computadas da mesma maneira.

GT DE PESQUISA DE PÚBLICO

Além disso, em 2023 o MCI implementou um GT de Pesquisa de Público, composto por diversos setores, entre eles o Educativo. O GT elaborou uma pesquisa de público bastante abrangente que já está em circulação virtual.

A criação do GT se deu a partir do entendimento comum de que era necessário obtermos informações mais precisas sobre o público que frequenta o museu, e quais podem ser as possíveis estratégias para atingirmos outros perfis de público que, por distintas razões, não frequentam o espaço. Estes obstáculos podem ser desde o transporte até o desconhecimento da existência do museu, falta de recursos, atividades pouco atrativas, horário de funcionamento, entre outros.

A proposta do GT é repensar as formas de avaliação aplicadas e aperfeiçoar as metodologias utilizadas para garantir um universo de respostas mais abrangente e útil para a adaptação das atividades.

SISTEMA DE AVALIAÇÃO INTERNA

As atividades de cada setor são constantemente avaliadas através de reuniões entre setores e internamente a cada equipe. O Núcleo de Transformação e Saberes possui reuniões de rotina que ocorrem duas vezes por semana, com o objetivo de realizar um balanço das atividades e visitas da semana, informar ocorridos, discutir ideias e planejar estratégias para eventos futuros.



COMO VISITAR A TAVA?

O Museu das Culturas Indígenas não é somente um museu, é uma casa – de transformação, de saberes, de vivências – que pertence aos povos indígenas, e para a qual todas as pessoas estão convidadas. Assim como quando visitamos uma casa que não a nossa, o visitante da TAVA deve ter a mesma postura de respeito e escuta, além de abertura para sair transformado.

ALGUMAS REGRAS

1. É permitido fotografar as obras e as dependências do Museu. No entanto, não é permitido fotografar ou divulgar imagens de pessoas sem a autorização das mesmas.
2. É permitido comer apenas nos espaços indicados pela equipe do Museu.
3. Não é permitido tocar nas obras sem autorização da equipe do Museu.
4. **Não é permitido o trânsito de crianças desacompanhadas nas dependências do Museu.**
5. Não é permitido correr ou brincar nas escadas.
6. Pedimos que todos observem uma conduta respeitosa: escutar com respeito, não gritar, não debochar, não usar o celular nem interromper quando os mestres estão falando.

COMO SE PREPARAR?

Recomendamos que todos os visitantes conheçam nossa proposta previamente, e que os responsáveis por visitas em grupo conheçam o local e as exposições. Convidamos todos a navegar pelo site museudasculturasindigenas.org.br e a nos acompanhar pelas redes sociais.

No caso das visitas em grupo, para que a visita ao Museu possa ser aproveitada em todo seu potencial, é importante que a temática da instituição, assim como suas exposições e acervos, sejam abordados previamente com o grupo. Isso promove uma familiarização que faz com que todos interajam com o Museu e as exposições a partir de uma bagagem de conhecimentos já existentes. Essa organização anterior é fundamental para garantir que a visita seja aproveitada plenamente. Recomenda-se também a consulta a algumas das referências indicadas neste material sobre a temática indígena, para que o visitante se familiarize com as discussões atuais do Museu.

A seguir, compartilhamos algumas recomendações direcionadas especialmente aos públicos escolares:



PRINCIPAIS RECOMENDAÇÕES A EDUCADORES:

O preparo anterior começa pelo educador. Na medida do possível, recomendamos que os responsáveis por cada grupo escolar informem-se sobre as temáticas do Museu, sobretudo sobre os aspectos mais sensíveis. Por este motivo, reforçamos que é importante que façam uma visita ao museu antes de trazer suas turmas, e também que se inscrevam e participem das **atividades de formação para professores oferecidas mensalmente pelo MCI**.

A atenção às regras de agendamento também é de extrema importância, para garantir que os grupos sejam recebidos da forma mais adequada. Devido a questões de segurança e limitação dos espaços físicos e da equipe do MCI, lembramos que grupos escolares não agendados correm o risco de não conseguirem concretizar a visita.

Algumas orientações pontuais devem ser feitas ao grupo logo antes da chegada: não entrar correndo ou gritando nos espaços; não tocar nas obras quando não forem convidados pelos Mestres de Saberes; escutar com respeito e esperar pelas orientações em cada andar; não debochar ou agredir; respeitar as diferenças culturais.

Não é permitido o trânsito de crianças desacompanhadas nas dependências do museu. **Os responsáveis pelos grupos agendados devem estar atentos ao comportamento dos membros do grupo durante toda a visita.**

ATIVIDADES PRÉ-VISITA NA ESCOLA

Aconselhamos que sejam feitas atividades diagnósticas e o levantamento de dúvidas e questionamentos. Nesse sentido, sugerimos algumas atividades para serem realizadas antes da visita ao Museu das Culturas Indígenas que dialogam diretamente com a **recomendação de que os educadores façam uma visita ao museu antes de trazer suas turmas, e também que se inscrevam e participem da atividade de formação para professores oferecida mensalmente pelo MCI.**



Atividade educativa com Mestres, 2023

VISITA VIRTUAL

Realizar a visita virtual disponível no site do Museu das Culturas Indígenas permite ao grupo conhecer previamente a sua temática, os artistas envolvidos, os tópicos presentes nas exposições, a história do surgimento da instituição, as lutas relacionadas ao território e outras informações pertinentes. Os alunos podem explorar individualmente a exposição virtual, ou ela pode ser apresentada em classe através da mediação do professor e da discussão conjunta.



ATIVIDADES DE PESQUISA

Para a pesquisa, podem ser levantadas e aprofundadas as temáticas relativas ao Museu, como território, diversidade, memória, lutas, genocídio, meio ambiente, direitos humanos, entre outras. Os alunos podem se dividir em grupos, em que cada um propõe um assunto a partir das referências iniciais e apresenta a pesquisa para a sala de aula antes da visita. Esta atividade também pode ser feita após a visita.

MATERIAIS AUDIOVISUAIS, LIVROS E MATERIAIS DIDÁTICOS INDÍGENAS

Apresentar produções audiovisuais de autoria indígena – tais como videocliques, curtas e longas metragens, animações, videogames e afins – é uma boa maneira de introduzir a temática de maneira interativa. Acompanhando a apresentação dos materiais em vídeo, sugerimos que sejam feitas discussões sobre os mesmos, de modo a exercitar a capacidade de interpretação e análise crítica.

Apresentar livros e outros materiais de autoria indígena também é uma boa maneira de introduzir a temática de maneira interativa. Junto da apresentação dos materiais, sugerimos que sejam feitas discussões sobre os mesmos, de modo a exercitar a capacidade de interpretação e análise crítica. Neste documento inserimos algumas sugestões.

RODA DE CONVERSA

A roda de conversa é uma excelente atividade para fazer um diagnóstico dos conhecimentos prévios do grupo acerca da temática indígena e das temáticas específicas e exposições do MCI. Ela também serve como um levantamento das expectativas para a visita, e das dúvidas e questões prévias que podem e devem ser levadas para resolução no Museu. Os tópicos abordados na discussão podem ser definidos de acordo com os interesses da turma e da disciplina, criando relações com conteúdos previamente trabalhados.

COMO AGIR E INTERAGIR?

Por ser um museu onde os indígenas são os narradores de suas próprias histórias, ele permite uma interação direta entre as pessoas não indígenas e indígenas. Nesse sentido, a interação com os Mestres de Saberes é o elemento diferencial do MCI e a parte mais importante da visita. É essencial que o visitante participe ativamente do processo de troca e construção de saberes em conjunto com os Mestres.

O visitante deve estar atento, contudo, a alguns tópicos que podem ser sensíveis ou difíceis de serem tratados, em especial aqueles relacionados às violências que os povos indígenas sofreram e sofrem em seu cotidiano. Ao interagir com a equipe indígena do Museu, devem ser tomados cuidados com atitudes e comentários que perpetuem os mesmos estereótipos que ele tem como objetivo desconstruir. **Os Mestres não são objeto do Museu e sim educadores a quem todos devem sempre se dirigir de maneira respeitosa.**

Além do contato direto com os Mestres de Saberes, convidamos o público a interagir também com o espaço expositivo e com as obras de maneira reflexiva. As dúvidas e sugestões provenientes da experiência de visita podem ser comunicadas aos Mestres de Saberes e nos devidos canais de avaliação.

"O mesmo respeito que você deve ter na sua casa, tem que ter na nossa casa. quando a gente visita alguém, a gente não grita, não fica reclamando, não debocha, escuta primeiro para falar ou brincar depois."

Michel Popygua, ex-Mestre de Saberes

ATIVIDADES PÓS-VISITA

Como fechamento e consolidação dos aprendizados e trocas provenientes da visita, orientamos que sejam feitas atividades após a visita, mesmo se as atividades anteriores não tiverem sido realizadas. A retomada da experiência de visita permite que aquilo que foi visto, ouvido e sentido se consolide na memória; as atividades são o meio pelo qual as experiências são reforçadas.

PESQUISA SOBRE OBRAS/ARTISTAS

Complementando a troca de conhecimentos e saberes oriunda da mediação educativa, os alunos podem realizar trabalhos de pesquisa sobre uma das obras ou artistas presentes no Museu. As pesquisas podem ser apresentadas para a turma para que haja uma troca daquilo que foi aprendido.

RODA DE CONVERSA

Como continuidade da primeira atividade e encerramento da visita, sugerimos uma segunda roda de conversa, retomando os tópicos levantados na primeira discussão, pontuando as expectativas e comparando-as com aquilo que de fato foi vivenciado. Podem ser citados também os pontos marcantes da visita de cada membro do grupo de forma a diagnosticar o impacto da experiência e do aprendizado no Museu. Outras ligações entre as exposições e o conteúdo da disciplina também são interessantes.

LEITURA DE OBRAS INDÍGENAS

Além das exposições, o Museu das Culturas Indígenas conta com um acervo bibliográfico composto majoritariamente por obras de autoria indígena, sendo uma pequena seleção deste acervo disponível para a consulta local de qualquer visitante na sala multiuso. Como incentivo à leitura, principalmente de produções indígenas, propomos a escolha de uma das diversas obras indígenas para a leitura e discussão conjunta em sala de aula.

DESENHOS

Muitas vezes temos a surpresa de receber desenhos realizados pelas crianças, e ficamos muito felizes. Percebemos que as transformações frequentemente se refletem nessas produções sensíveis.



QUESTIONAMENTOS DESAFIADORES

Não é raro que falas preconceituosas e estereotipadas sejam trazidas pelos visitantes. A história do encontro entre os mundos não indígena e indígena é uma história de muita violência, e por promoverem esse encontro, ainda que de uma forma transformadora, as visitas no Museu das Culturas Indígenas são frequentemente permeadas por questionamentos difíceis do público. Uma das missões do MCI é a reeducação e a transformação de um público que, em sua maioria, teve aprendizados baseados nos lugares comuns vistos na escola, nos livros didáticos e em meios de comunicação que podem não ter abordado da melhor maneira o estudo de temas sensíveis.

Para cumprir essa missão, o NUTRAS dedica-se a entender quais são os questionamentos difíceis mais recorrentes por parte do público e qual a origem deles. A partir desse estudo, são traçadas estratégias e repostas para lidar com eles. A partir de um levantamento inicial, foram definidos alguns tópicos sensíveis que estão sendo trabalhados e mediados:



"INDÍGENAS DE VERDADE" OU "CARA DE INDÍGENA"

Sabemos que as visões estereotipadas construídas pela tradição escolar e pela mídia hegemônica caracterizam os povos indígenas como se todos tivessem as mesmas características físicas e os mesmos traços culturais. Além disso, as informações a respeito da diversidade cultural dos povos originários são muito pouco disseminadas, o que cria uma noção equivocada de que apenas alguns traços de alguns grupos, sobretudo no período da invasão do Brasil, correspondem às características que se aplicam a todos os povos. São mais de 300 povos indígenas existentes no Brasil, e uma das missões do Museu das Culturas Indígenas é desenvolver estratégias para desconstruir padrões equivocados.

As pessoas brancas ainda são iguais a seus antepassados de 300 anos atrás? Se vestem da mesma maneira? Usam o mesmo meio de transporte? Não. O mesmo acontece com os povos originários.

A ideia preconceituosa de que existem indígenas "de verdade", e indígenas que seriam menos autênticos, além de romantizar o ideal de um indígena não "contaminado" pela sociedade não indígena, prende a imagem dos povos originários em um passado idealizado, ignorando os impactos do contato com os colonizadores e as transformações culturais inerentes a todas as sociedades.

"ÍNDIOS" E "TRIBOS"

Muitas vezes ainda são utilizadas categorias ultrapassadas para se referir aos povos indígenas, como por exemplo os termos "índio" e "tribo". Ambos contribuem para uma visão dos povos indígenas como um grupo homogêneo. Também têm sido questionada a carga histórica pejorativa que estes termos trazem, remetendo a formas passadas - e infelizmente, ainda presentes - de se referir aos indígenas como pessoas selvagens. No lugar dessas palavras, prefere-se, por exemplo, o uso de termos como "povos indígenas", "etnias", "aldeias" e "comunidades". Entretanto, nem mesmo entre os povos indígenas existe um consenso com relação a isso. Cada grupo e cada pessoa tem suas próprias referências e valores, e a missão do MCI é permitir a coexistência de todas sem que ninguém se sinta desrespeitado.

Atualmente, órgãos públicos vêm se adaptando às novas nomenclaturas, como por exemplo a FUNAI, que agora se chama "Fundação Nacional dos Povos Indígenas". Outras datas também têm sido ressignificadas, especialmente o então conhecido como "Dia do Índio", que passa a se chamar "Dia dos Povos Indígenas", respeitando a pluralidade dos povos originários.

É um desafio permanente para o NUTRAS elaborar abordagens e programas específicos para trabalhar esses questionamentos. Como parte das mediações, há uma insistência no uso da terminologia correta e na conscientização dos motivos pelos quais estas e outras palavras são agressivas e não devem ser utilizadas.

TEM INDÍGENAS NA CIDADE?

Segundo o censo demográfico realizado pelo IBGE (2022), no Brasil há o total de 630.041 domicílios com pelo menos um morador indígena. Desses, 137.256 estavam localizados dentro de Terras Indígenas (21,79%) e 492.785 estavam localizados fora de Terras Indígenas (78,21%). Isto significa que grande parte dos brasileiros que se autodeclararam indígenas vivem fora das T.I, sendo muitos deles em cidades. As idas para as cidades podem ter vários objetivos, como a busca por estudo ou a necessidade de busca por trabalho, muitas vezes porque as atividades antes desenvolvidas nos territórios são dificultadas pelas invasões de terras, pelas mudanças climáticas, pelo crescimento das cidades no entorno, etc. Quando na cidade, as dinâmicas de vida podem mudar muito, no entanto, isto não significa o distanciamento completo das tradições, práticas e saberes. Os indígenas que vivem na cidade enfrentam dificuldades e dinâmicas diferentes, porém, isso não os faz menos indígenas.

VI UMA INFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS, É VERDADE?

A multiplicidade de povos indígenas no Brasil exige que sejam feitas pesquisas individuais e cuidadosas. Assim como busca-se orientar as crianças e jovens, que dão seus primeiros passos escolares em um mundo digital, os conteúdos compartilhados devem ser observados em suas fontes, formatos, interlocutores e rede onde se multiplicam. Assim, é possível identificar quais informações podem ser mais confiáveis.

TODAS AS ALDEIAS TEM CACIQUE?

Não são todas. Algumas aldeias são geridas por conselhos e decisões são tomadas coletivamente, existindo assim outras formas de liderança. São diferentes as características necessárias para lideranças que atuam dentro e fora da aldeia, já que as atividades que acontecem em espaços políticos não-indígenas e indígenas exigem diferentes preparações, como o domínio da língua portuguesa, por exemplo.

A chegada dos colonizadores europeus teve como impacto a transformação de algumas dinâmicas de poder e formas de liderança existentes, que variavam de acordo com o contexto histórico e cultural de cada povo. O cargo de cacique foi uma imposição para diversos povos uma vez que, hoje em dia, uma liderança política é necessária para representar a aldeia em espaços governamentais, políticos e etc.

TODOS OS INDÍGENAS FALAM A LÍNGUA NATIVA?

Segundo o IBGE, em 2010, 274 línguas indígenas eram faladas no Brasil. Entretanto, são diferentes os contextos históricos, espaciais e culturais vivenciados por cada povo, assim como esses contextos foram diferentes no passado. Alguns povos foram mais afastados das possibilidades de transmissão do seu idioma e existem comunidades onde os mais velhos que ainda falavam a língua já morreram. Outros povos encontraram formas de manter o idioma mesmo em meio a processos violentos, ou seja, existem diversas nuances.

INDÍGENAS E BENEFÍCIOS SOCIAIS ESTATAIS

No Brasil, é importante destacar que os povos indígenas não recebem nenhum tipo de benefício financeiro estatal diferenciado em relação ao restante da população. Como todos os cidadãos trabalhadores, os indígenas têm pleno direito aos benefícios sociais e previdenciários concedidos pelo Estado. Isso significa que eles podem acessar programas como a aposentadoria rural por idade, o salário-maternidade, a pensão por morte, o benefício por incapacidade temporária e permanente (auxílio-doença, aposentadoria por invalidez, auxílio-acidente e auxílio-reclusão), aposentadoria híbrida e seguro-defeso, desde que preencham todos os requisitos exigidos pela legislação previdenciária. Além disso, os indígenas também têm direito aos benefícios assistenciais ao idoso e à pessoa com deficiência (BPC/LOAS). Em resumo, no que diz respeito aos benefícios financeiros, não há distinção entre os povos indígenas e o restante da população brasileira, pois todos têm acesso aos mesmos direitos e benefícios sociais e previdenciários, garantidos pelo Estado para promover o bem-estar e a proteção social.

OS INDÍGENAS VIVEM EM OCAS? TODAS AS ETNIAS USAM COCAR? QUAL A RELIGIÃO DOS INDÍGENAS?

Os povos indígenas não têm todos uma mesma forma de espiritualidade e a palavra “religião” cabe melhor às sociedades não indígenas. As informações a respeito da diversidade cultural dos povos originários são muito pouco disseminadas. São mais de 300 povos indígenas existentes no Brasil, suas casas, seus artefatos e seus elementos culturais têm diferentes usos e aparências.

DE QUAL POVO A MINHA FAMÍLIA VEIO?

Muitas pessoas trazem esse questionamento quando visitam o Museu das Culturas Indígenas. Sabemos que a história da colonização do nosso país promoveu diversos extermínios e apagamentos. Por isso, quase todos os brasileiros são descendentes de pessoas indígenas, mas a grande maioria não sabe identificar a origem de seus ancestrais. Na grande maioria dos casos, infelizmente, não teremos uma resposta objetiva para esse tipo de inquietação. No entanto, uma das missões do MCI é promover um maior acesso a essa história da colonização das diversas regiões do país, promovendo debates e criando estratégias para que as informações disponíveis possam ser acessadas por todas as pessoas.

MAS ENTÃO ELES “VIVEM DE QUÊ”?

Alguns povos indígenas tem uma economia baseada em atividades de pesca, caça, coleta, além do plantio de roças. Uma grande parte das comunidades também investe na produção e venda de artesanato e artes manuais, além de apresentações culturais.

Como grande parte da biodiversidade do país foi comprometida, é de se esperar que a maioria dos povos não tenha mais onde caçar ou pescar, e muitos assumem empregos nas cidades e propriedades rurais vizinhas às comunidades.

POSSO COMPRAR E USAR UM COCAR? E ME PINTAR COM GRAFISMOS INDÍGENAS?

Muitas pessoas não-indígenas compram cocares vendidos por indígenas de diversas etnias. Esses cocares às vezes são usados de enfeite nas paredes das casas, e, não raramente, são utilizados como fantasia ou como simples homenagem.

No entanto, é importante levar algumas coisas em consideração: para muitos povos o uso do cocar tem um significado político e espiritual muito profundo. Esse significado pode variar para cada povo, podendo ser um adorno, uma marca identitária ou um artefato sagrado.

O mesmo vale para grafismos tradicionais.

Em respeito a esses aspectos, o ideal é que cocares e pinturas não sejam utilizados por não-indígenas fora de seu contexto, muito menos como fantasia, por ser uma forma de apropriação cultural e de reforço de estereótipos.

Além disso, vale lembrar que a comercialização de partes de animais silvestres e nativos é contra a lei. Da mesma forma, grafismos indígenas tradicionais são protegidos pelo direito patrimonial, podendo ser considerada plágio sua utilização por pessoas não indicadas.

ESPAÇOS

O Museu das Culturas Indígenas se localiza dentro do Complexo Baby Barioni, o DEFE, no Bairro da Água Branca, Zona Oeste da cidade de São Paulo. É vizinho do Parque da Água Branca, com 137 mil metros quadrados, conhecido por ter grande número de espécies vegetais, além de patos, galinhas e outras aves soltas. A região também possui comércios, clínicas médicas, restaurantes e escolas, que trazem movimento à rua principalmente nos dias úteis. Aos finais de semana o movimento gira em torno principalmente do Parque, de alguns bares e casas de show.

O MCI possui 5 andares expositivos além do térreo, onde os grupos são acolhidos. Por ser um museu verticalizado, sugerimos ao público que inicie a visita no 7º andar, descendo até o 3º. No entanto, o visitante tem também a possibilidade de iniciar a visita no 3º andar, ou então percorrer livre e aleatoriamente os espaços, tendo em vista que as exposições nos andares possuem relativa independência entre si.



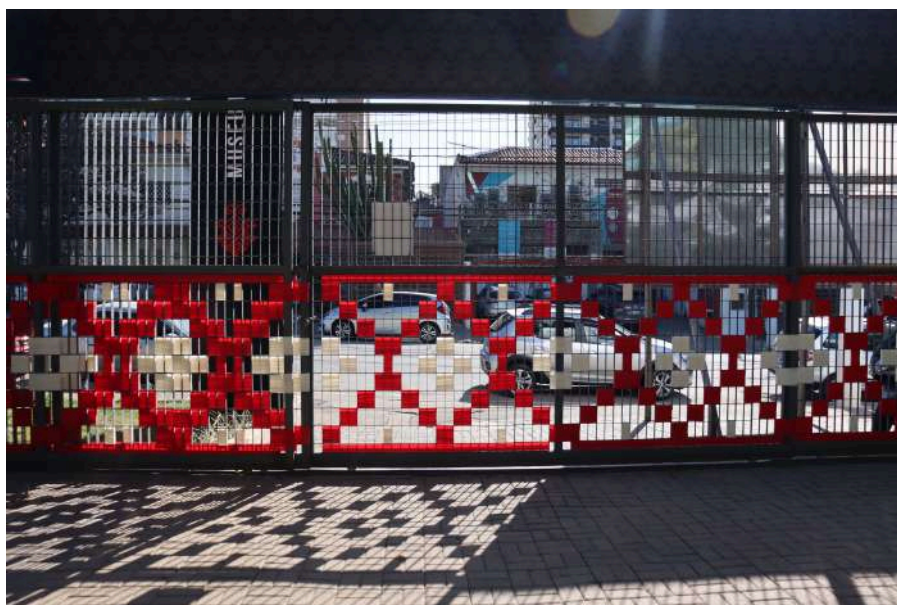


Empena com pintura da artista pataxó Tamikuã Txihi



Pátio Térreo

núcleo de transformação e saberes – PLANO EDUCATIVO



Portão com grafismo feito pelos guarani



Pinturas de Sérgio e Maurício Yanomami no Pátio



Pintura de José Antoninho Maxakali no Pátio



Pintura de Tamikuã Txihí no Pátio



Entrada do Museu



Escultura de Natalício Karai e banco Yawalpiti na recepção



Sala Multiuso, pintada pela artista Huni Kuin Rita Kaxinawa- 7º andar



Sala Multiuso - 7º andar



Andar expositivo com a exposição Hendu Porã'rã – 6º andar

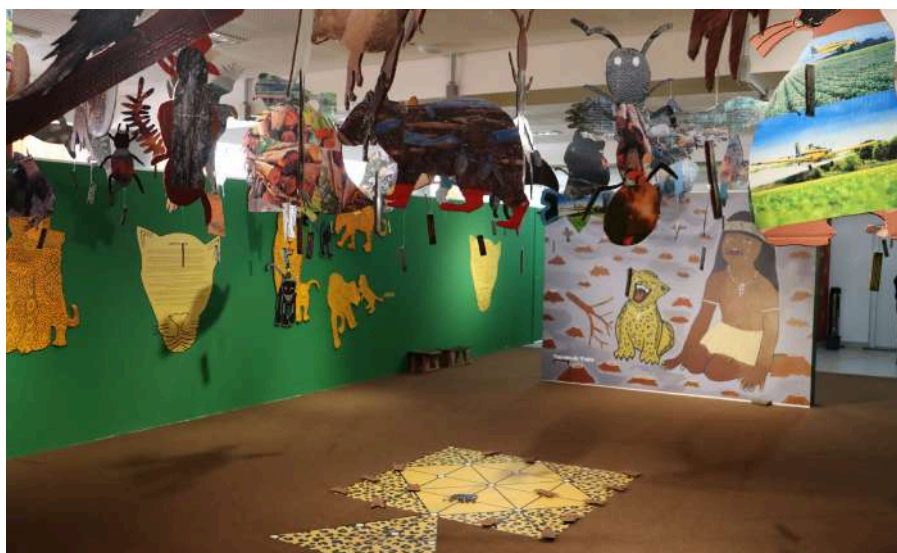


Andar expositivo – 6º andar

Cada Mestre de Saberes possui uma relação com cada um dos espaços, identificando-se com um deles e possuindo estratégias de mediação específicas.



Natalício Karai no andar expositivo com exposição de Denilson Baniwa- 5º andar



Andar expositivo com exposição Mymbai – 4º andar



Andar expositivo com exposição Nhe'ë ry – 3º andar



TAVA - CASA DE TRANSFORMAÇÃO

Fachada frontal do museu com grafismos indígenas do estado de São Paulo

ACESSIBILIDADE

“O Museu terá como preceito: que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.” (Plano Museológico, 2021)

ACESSIBILIDADE

ACESSIBILIDADE FÍSICA

Espaços internos, equipamentos e mobiliário tratados conforme a Norma Brasileira ABNT NBR 9050:2020 (4a. edição)

ACESSIBILIDADE COGNITIVA

Acolhimento, conteúdos distribuídos para diferentes interesses ou habilidades e versões em outros idiomas

ACESSIBILIDADE SENSORIAL

Comunicação escrita, fonográfica e videográfica, acompanhada em Braille, em forma sonora e por recurso com LIBRAS

ACESSIBILIDADE SOCIOECONÔMICA E CULTURAL

Programas, projetos e ações para a promoção da inclusão social e cultural a grupos sociais diversificados, socialmente excluídos e com maior dificuldade no acesso a equipamentos culturais ou que estejam no entorno do Museu

O Museu das Culturas Indígenas pretende que todos os visitantes, incluindo aqueles com algum tipo de deficiência, tenham acesso comum e equitativo aos espaços e possam se apropriar de exposições, participar das atividades educativas e dos demais produtos e serviços oferecidos.

Para isso, foram desenvolvidas medidas para garantir a acessibilidade física, sensorial, cognitiva, socioeconômica e cultural, as quais foram elaboradas com a participação e avaliação de pessoas com deficiência e estão em constante processo de melhoria. Além disso, a equipe do Museu tem participado de atividades formativas com o intuito de entender as diversas questões e necessidades relacionadas à acessibilidade para melhor receber e atender o público com deficiência.

Dentre as medidas de acessibilidade, executadas ou em planejamento, destacam-se:

Acessibilidade física	Banheiros adaptados
	Elevador
	Sinalização podotátil nas escadarias, elevadores e áreas de acesso ao edifício
	Cadeiras de rodas, bengalas e puffs para descanso
Atendimento ao público	Áudio descrição
	Textos bilíngues (Português e Guarani) para as exposições e seus conteúdos
	QR Code nas áreas expositivas para acesso à plataforma Webapp contendo audiodescrição
Comunicação	Hotsite acessível para surdo e mudo
	Hotsite compatível com programa para acesso ao site por deficientes visuais
	Descrição de imagem para cegos nas mídias sociais
Formação de profissionais	Reuniões internas entre a equipe para diagnosticar necessidades
	Capacitação para início das etapas com consultoria especializada
	Participação em cursos e eventos afins
Relacionamento institucional	Parceria com a SPDM



E' E AMB'

M.C. AMB' / COMUNIDAD

GUARANI MBYA
GUARANI MBYA
GUARANI MBYA
GUARANI MBYA
GUARANI MBYA

**PÚBLICOS E
PROGRAMAS**

O NUTRAS atende um amplo público nas visitas e atividades presenciais, agendado ou espontâneo, em seus diversos segmentos: escolar (professores, estudantes e demais membros das comunidades escolares), lideranças comunitárias, educadores, universitários, pesquisadores, guias e grupos de turismo, profissionais de saúde e assistência social, pessoas em situação de vulnerabilidade social, gestores, pessoas com deficiência, famílias, jovens e crianças, terceira idade, turistas e visitas técnicas.

Além dessas categorias mencionadas, o público indígena deve ser priorizado de modo a garantir a presença dos diversos povos não somente na organização do Museu, mas também na sua fruição e participação nas atividades educativas e exposições.

Tendo em vista a particularidade de cada parcela de visitantes, foram criadas categorias de público com a finalidade de criar estratégias, projetos e diretrizes específicos alinhados às necessidades e interesses de cada grupo.

PÚBLICO ESCOLAR

O público de origem escolar – aqui compreendido como grupos de alunos e/ou educadores pertencentes aos sistemas públicos e privados de educação desde o ensino infantil ao ensino médio, EJA e ensino superior – é o grupo mais expressivo em relação à quantidade de visitantes. Além disso, é uma parcela prioritária do Museu, pois o diálogo e o atendimento dirigidos a ele podem trazer uma mudança social mais eficaz, transformando visões e conceitos e trabalhando com a conscientização. Por isso, é de suma importância que a instituição dedique-se ao recebimento e engajamento do público escolar através de visitas, atividades, eventos e demais iniciativas educativas.

Ainda que seja possível agrupar diferentes ciclos escolares em um grande grupo escolar, para que as ações educativas possam ser eficazes é preciso diferenciar as diferentes partes componentes do grupo. Tendo isso em vista, o NUTRAS tem elaborado, a partir de discussões e de experiências prévias, diferentes métodos e procedimentos específicos para o trabalho com cada um dos diferentes componentes do público escolar.

Crianças guarani-mbya brincam durante visita ao 7º andar



Educação Infantil

A ação educativa com o público da educação infantil deve possuir uma sensibilidade em relação à maneira particular como as crianças dessa faixa etária interagem com o ambiente e aprendem com ele. Nesse sentido, a abordagem deve priorizar a sensibilização dos sentidos, sobretudo os aspectos táteis, auditivos e visuais provenientes das exposições, assim como deve elaborar atividades e materiais educativos que mobilizem essa sensorialidade.

Além disso, a mediação deve ser propositiva, incentivando a constante participação do público, explorando e mobilizando conhecimentos e repertórios do cotidiano da criança. Isso deve ser feito sempre através da utilização de conceitos simples ou da simplificação de conceitos mais complexos de modo a tornar acessível às crianças.

A visita escolar do público infantil deve ser sempre dinâmica, tendo em vista a janela de atenção reduzida da faixa etária; além de lúdica, de forma a engajá-los nas atividades e nas reflexões. As visitas não devem ser de longa duração devido a este mesmo motivo.

O fator mais importante para a ação de transformação é sempre o afeto. As crianças pequenas costumam estar mais abertas a estabelecer uma relação de confiança, e no Museu das Culturas indígenas são acolhidas com carinho. A ação educativa por meio dos sentidos (a escuta dos cantos e histórias, o olhar para a diferença, os corpos que dançam) costuma ser mais proveitosa, sendo um grupo no qual o sentido de consciência coletiva e relação de alteridade se desenvolve através da experiência desde os mínimos detalhes.

Fundamental I e II

Os anos escolares compreendidos no Ensino Fundamental representam a maior parte do período escolar, o que explica a importância e a necessidade de uma abordagem específica para cada período componente desse ciclo educacional. Ademais, é a partir desse período que torna-se possível trabalhar objetivamente os conteúdos previstos pela Base Nacional Comum Curricular, realizando assim um trabalho dialógico com o ensino formal.

Para o público pertencente ao Ensino Fundamental I, procura-se trabalhar com temáticas mais generalizadas, tais como o reconhecimento do indivíduo, do outro e do grupo, a noção do local habitado e o conhecimento da diversidade de culturas e povos. Já para o Ensino Fundamental II, podem ser trabalhados temas mais específicos, relacionando com os conteúdos factuais e conceituais abordados no ensino formal, tais como: cronologia e formas de registro da História; relações entre sociedades e natureza; povoamento; noção de cultura material e imaterial; identificação de territórios e formas de organização de sociedades; colonização e seus desdobramentos; preconceitos, estereótipos e violências, entre outros.

Apesar da grande variação na faixa etária dos alunos do Ensino Fundamental, um mesmo método geral pode ser utilizado para a visita deste grupo. A partir do Ensino Fundamental, torna-se possível a realização de visitas um pouco mais extensas, no entanto, a dinâmica e o uso de elementos lúdicos são indispensáveis para o bom aproveitamento da visita por parte dos alunos. A linguagem deve também se adequar às diferentes faixas etárias e aos variados conteúdos que já foram ou não trabalhados em sala de aula.

Ensino Médio e Ensino Técnico

O trabalho educativo com o Ensino Médio permite a aplicação de conceitos específicos e o emprego de relações mais complexas. Dentre as competências previstas pela BNCC, interessam sobretudo o trabalho com a análise de formação e fronteira de territórios indígenas, assim como as relações de poder envolvidas na disputa pela territorialidade; as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza e a conscientização e combate das opressões, dos preconceitos e da violência relativas aos povos originários.

Para isso, é possível realizar atividades tais como rodas de conversa mais extensas a partir de provocações e de debates que busquem incentivar o pensamento crítico e autônomo dos jovens. Além disso, a mediação das obras pode ser feita de maneira mais pontual e aprofundada.

Ensino Superior

Os grupos de Ensino Superior são diversos em relação aos estudantes de diferentes cursos que visitam o MCI, existindo diferentes interesses específicos e sendo o fator de união o nível de especialização desse público. Essa especialização é refletida na visita, que costuma ter um caráter mais técnico e voltado para a apreensão máxima de conteúdos.

Em razão dessa diversidade de cursos e interesses, existe uma gama grande de possibilidades de abordagem a depender dos interesses do grupo. Nesse sentido, faz-se necessário especialmente para este tipo de público as necessidades e interesses do grupo sejam entendidos para que a mediação esteja alinhada com os mesmos.

Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos abarca um grupo muito plural de estudantes, em especial no que diz respeito às diferentes faixas etárias que compõem o corpo discente. Além da diversidade do perfil dos estudantes, a EJA se diferencia do ensino regular em sua estrutura curricular, possuindo diferentes ciclos de ensino e, conseqüentemente, diferentes conteúdos, abordagens e temporalidades que devem ser considerados em suas especificidades. Deve ser levado em conta também o fato de que a grande maioria dos estudantes da EJA são trabalhadores e que, por isso, a disponibilidade de visita é limitada em comparação aos outros grupos escolares.

Educadores e profissionais da educação

Os professores são também grupo prioritário no Museu, pois as visitas de grupos escolares poderiam ser melhor aproveitadas se além da visita houvesse um trabalho anterior com os alunos sobre as temáticas indígenas em sala de aula. Contudo, a presença da temática indígena na sala de aula é precária e deficitária no ensino básico e, por vezes, no superior. Isso é percebido durante a própria visita no Museu, com um público que não se prepara para conhecer a exposição.

Por isso, a visita de grupos de educadores é movida sobretudo por um interesse na formação profissional e na aquisição de conhecimentos e métodos para atualizar e enriquecer a abordagem educativa. Assim, as visitas costumam ter como foco a orientação por parte dos Mestres de Saberes acerca da prática pedagógica na sala de aula, conteúdos essenciais, uso de termos e reforço de pautas relevantes.

Além das visitas, é importante que as formações de professores continuem sendo promovidas e aprimoradas para garantir este preparo dos educadores.

Escolas Indígenas

Os Centros de Educação e Cultura Indígena (CECI) são um público-alvo de grande interesse do Museu. Com o objetivo de que os indígenas sejam não somente parte do corpo de funcionários, mas também parte essencial de seu público, seja em visitas espontâneas ou escolares.

Para que o MCI possa concretizar sua intenção de ser uma instituição que incentiva o direito de acesso à cultura e educação dos povos indígenas, é de suma importância que este esteja em constante diálogo com as comunidades. Ao observarmos a realidade da grande maioria das escolas indígenas, podemos atestar que estas não possuem recursos próprios para vir ao Museu.

Devemos, portanto, comprometer-nos a desenvolver ações que materializem o acesso destas ao Museu, efetivando sua presença neste espaço que lhes pertence.



Crianças em visita observam a obra de Xadalu Tupã Jekupé

INSTITUIÇÕES NÃO ESCOLARES

Outras instituições que não sejam educacionais também fazem parte do corpo de visitação do Museu. Entre elas, ganham destaque agências de turismo e instituições de caráter social. Ainda que não haja uma ligação direta com o ensino formal, este é um público que, além de ter o Museu como local de lazer, usufrui do espaço como meio de acesso à cultura e à educação. Por serem uma parcela tão diversificada do público, cada uma destas instituições deve ser entendida através de suas especificidades e a visitação deve ser sensível às necessidades e interesses de cada grupo.

EQUIPE DO MCI

A equipe do Museu das Culturas Indígenas, aqui entendida como os trabalhadores da instituição e prestadores de serviços terceiros, deve ser considerada também como público frequentador das exposições e participante das atividades internas e externas. Para que o processo formativo da equipe ocorra, é necessário que, além de realizar atividades internas voltadas especificamente para as necessidades dos funcionários, seja feita também uma inclusão constante dos mesmos nas atividades voltadas para o público externo. É somente através da participação contínua como público das ações educativas que é possível integrar plenamente a equipe e o público externo.

PÚBLICOS ESPECÍFICOS, PROGRAMAS E AÇÕES

É preciso garantir o acesso qualificado a todos os tipos de público, atendendo as necessidades específicas de cada um, conforme a missão transformadora proposta pelo MCI. No caso dos públicos agendados, sendo estes majoritariamente escolares, a divisão etária já se faz presente.

O Museu das Culturas Indígenas tem amadurecido diretrizes, valores e concepções que aproximem seu funcionamento das referências trazidas pelas comunidades indígenas. Isso é fundamental para requalificar algumas categorias estruturantes de cada programa.

Alguns desafios conceituais se apresentam com relação à definição de categorias de público e reflexões sobre a natureza de ações educativas e formativas. Esses são conceitos provenientes da Unidade de Preservação de Patrimônio Museológico (UPPM), que prevê a criação de programas e atividades específicos para cada um desses públicos de acordo com suas necessidades e interesses. No entanto, a partir das discussões da equipe, as categorias de público têm sido repensadas. Categorias como “família” e “público idoso” foram adequadas para “experiências intergeracionais” no intuito de melhor corresponder às concepções indígenas e vivências nas aldeias e comunidades. Para as culturas indígenas é fundamental que diferentes pessoas estejam convivendo, mesmo para que o aprendizado das crianças seja mais rico.

Reforçamos que o Museu das Culturas Indígenas é um espaço construído por/para comunidades indígenas, e por isso privilegia a presença de mestres locais, grupos, estudantes, lideranças, pesquisadores, autores, artistas indígenas, entre outros. O público indígena deve se sentir representado nas exposições e narrativas e também parte do corpo constituinte do Museu.

Comunidades Indígenas

Além do público proveniente das CEICs, o acolhimento do público indígena, em toda sua pluralidade, é uma prioridade do MCI. Afinal, o Museu das Culturas Indígenas tem como objetivo máximo ser um local de resistência, presença e afirmação dos povos indígenas na capital. O agendamento para visitação de grupos indígenas é sempre priorizado.

Pessoas em situação de vulnerabilidade social

Tal como previsto constitucionalmente, o acesso à cultura é direito de todos. Como parte dos objetivos do Museu das Culturas Indígenas, tem-se a garantia do acesso a ele por pessoas em situação de vulnerabilidade social através da gratuidade e da parceria com instituições sociais sem fins lucrativos na realização de visitas agendadas. Quando pensamos em públicos “em situação de vulnerabilidade”, nos importa ainda considerar a vulnerabilidade de acesso dos povos indígenas aos equipamentos de cultura. Sendo assim, nossos programas voltados às comunidades são nossos maiores desafios e compromissos.

- Programa Comunidades indígenas no Museu

Para efetivar a proposta de tornar a experiência museal, patrimonial e educativa do Museu das Culturas Indígenas efetivamente inclusiva, é necessário garantir o amplo acesso dos membros das comunidades indígenas do estado de São Paulo a este espaço. Nesse sentido, enquanto ação voltada para pessoas em situação de vulnerabilidade social, o MCI desenvolve um programa para garantir a presença do público indígena. Para tanto, no período de inscrições de atividades, verificamos com o público indígena a necessidade de auxílio para transporte, alimentação, e mesmo hospedagem. Caso necessário, o Museu custeia a vinda dessas pessoas, conforme as possibilidades orçamentárias, de modo a não excluir aqueles que não podem vir por conta própria.

- Apoio a iniciativas comunitárias

Além do acolhimento ao público indígena, o MCI cria parcerias e realiza eventos e atividades nas aldeias, indo além do espaço físico da instituição. Assim, esse programa visa dar apoio a ações, atividades e projetos de iniciativa comunitária ou de agentes culturais e educativos que dialogam com o Museu em seus objetivos, promovendo intercâmbios e trocas de experiências em diferentes níveis entre o MCI e espaços institucionais, não-institucionais, museus indígenas, territórios e comunidades indígenas. Por meio dele, fomentam-se as parcerias, a formação de público, a produção de novos conteúdos, narrativas, acervos, materiais educativos, fortalecendo também o protagonismo indígena e comunitário. O apoio pode-se dar a iniciativas em curso ou mesmo à criação de novas ações.

Pessoas com deficiência

Para além da infraestrutura acessível do edifício, as exposições, a mediação das visitas e demais atividades educativas e formativas devem garantir acessibilidade em vários níveis (físico, atitudinal, cognitivo, sensorial, entre outros). Para isso, foram elaboradas diferentes estratégias para o acolhimento e mediação do público com deficiência, que incluíram atividades de formação da equipe de mediação. A partir de 2024, teremos algumas visitas e atividades, previamente divulgadas, com tradução em libras por tradutores indígenas.

- Agendamentos priorizados

O NUTRAS prioriza o agendamento de visitas e atividades com grupos com perfis específicos, como pessoas idosas, com deficiências e em situação de vulnerabilidade social, para isso foram destinados dias e horários fixos da semana os quais grupos que solicitam agendamento de visitas têm prioridade na agenda. Também são desenvolvidos metodologias e materiais de apoio adequados para cada contexto de visitação. São realizadas assim parcerias com instituições e projetos que atendem ou pesquisam públicos com estas características.

Público intergeracional

Como parte dos programas previstos pela UPPM, o Projeto Família no Museu busca trabalhar especificamente essa parcela do público através de estratégias específicas para seu recebimento e mediação. No entanto, após análise e discussão da equipe do NUTRAS, percebeu-se que o conceito de “família” poderia ser limitante e de difícil definição devido às diferentes concepções indígenas e não indígenas referentes a esse termo. Como solução para essa questão, pensou-se em trabalhar com a ideia de “experiências intergeracionais” como alternativa para abarcar os diferentes grupos que pudessem ser entendidos como família.

O trabalho com grupos intergeracionais pressupõe uma atenção para as necessidades de cada faixa etária componente, assim como atividades e métodos que sejam capazes de agregar as diferentes pessoas do grupo.

- Férias na Tava: Atividades com Mestres de Saberes do MCI

Ao longo dos meses de férias, o Museu das Culturas Indígenas promove uma série de atividades gratuitas voltadas ao compartilhamento de experiências com famílias plurais e grupos intergeracionais. Públicos de todas as idades são convidados a participar das vivências com os Mestres dos Saberes Indígenas do MCI, com brincadeiras indígenas como o arco e flecha e a zarabatana, o jogo da onça, a brincadeira do milho guarani, danças, músicas e grafismos.

"NA ALDEIA, ALGUMAS COISAS SÃO APENAS PARA UM DETERMINADO GRUPO, HOMENS OU MULHERES, POR EXEMPLO. MAS, NO GERAL, TODAS AS ATIVIDADES SÃO COMPARTILHADAS COLETIVAMENTE POR TODAS AS PESSOAS".

Michel Popygua, ex-Mestre de Saberes

Público Idoso

O público idoso requer recursos e abordagens específicos que garantam a acessibilidade do espaço e do conteúdo do Museu. Para isso, o NUTRAS está elaborando um projeto específico que visa atender as especificidades dessa parcela de visitantes, assim como materiais e recursos educativos de apoio.

- Parceria com baile do Parque da Água Branca - Bailes da Melhor Idade

Após o diagnóstico da presença de grande público idoso nas vizinhanças do MCI, por ocasião dos Bailes da Melhor Idade no Parque da Água Branca que acontecem às terças e sextas-feiras, realizamos uma aproximação da equipe organizadora dos bailes. Desse movimento resultou um projeto que tem por objetivo o aumento da presença do público idoso, em um primeiro momento em visitas ao museu e no futuro em atividades específicas para este grupo. Iniciamos uma parceria com o Instituto Núcleo da Melhor Idade Estação Vida, e fizemos a ação de entrega de panfletos para os participantes. Com a apresentação deste panfleto os associados ao Instituto poderão fazer a visitação gratuitamente.

- Diálogo entre culturas e gerações

Por meio de visitas mediadas e atividades em grupo realizadas pelos Mestres de Saberes, educadores indígenas do MCI, são desenvolvidas ações em parceria com organizações que realizam atendimento a público idoso. São encontros que visam promover trocas culturais que perpassa por temas como memórias, origens, experiências, sendo uma oportunidade de conhecer diferentes perspectivas indígenas sobre o envelhecer e o papel social do idoso em suas culturas. Os participantes ainda são convidados a aprender um pouco das danças, cantos ou fazeres manuais compartilhados pelos Mestres indígenas.

Público do entorno

O Museu, dentro das suas inúmeras finalidades e propósitos, pode gerar transformações também no seu entorno. As pessoas que transitam pelo bairro a caminho de suas moradias, locais de trabalho, estudo ou lazer, de alguma forma impactam e são impactadas pela existência e novas dinâmicas de interação e atividades que uma instituição cultural propõe. É importante que um espaço como esse seja também frequentado pelas pessoas que por aqui passam todos os dias. Por isso, o NUTRAS desenvolveu um programa específico para este público e tem o intuito de ampliar e desenvolver novas atividades nos próximos períodos.

- Programa para vizinhança do Museu em parceria com o Parque da Água Branca

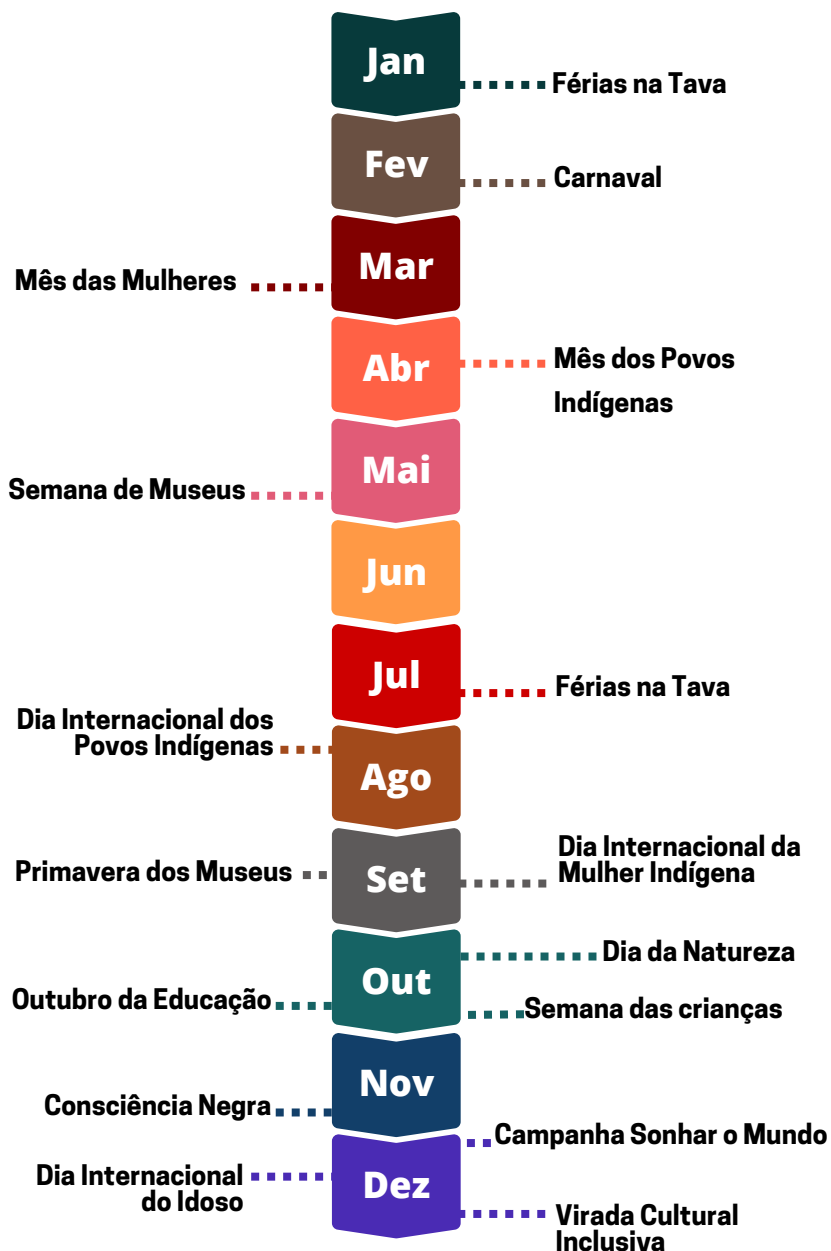
Em 2023, o NUTRAS e a equipe do educativo do Parque da Água Branca estabeleceram uma parceria que envolveu a organização de visitas das equipes aos respectivos espaços, e a realização de atividades educativas voltadas para a vizinhança do bairro. Na abertura da Semana de Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica, aconteceu uma roda de conversa e caminhada com os Mestres de Saberes no Parque da Água Branca. Além dessa atividade, o parque sediou a sessão de encerramento da mostra de cinema indígena enCantos e rExistências - cinema dos povos indígenas, organizada pelo Centro Cultural São Paulo (CCSP), ArteInVitro, MCI e Rede CineFlecha. Para o próximo período, a equipe do NUTRAS pretende dar continuidade aos diálogos e parceria com o Parque da Água Branca e com outros órgãos e instituições que atuam no entorno.

TEMPORADAS E DATAS COMEMORATIVAS



Oficina de artesanato nas férias

As Temporadas e Datas comemorativas são programações temáticas e encontros pensados para acontecer em torno de um calendário pré-estabelecido, seja nacional, internacional ou pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. As datas comemorativas são estratégicas para a realização de eventos, pois são marcos referenciais e, por isso, momentos em que o público se dispõe e é levado a participar. Os eventos podem ter a função de celebrar, mas também de questionar e refletir sobre as datas do calendário nacional ou local, de modo a trazer novos olhares sobre elas, numa perspectiva trazida por agentes indígenas.



Férias na Tava

A temporada compreende o período pré-letivo, no mês de janeiro, e o período das férias de julho. É composta por atividades voltadas ao público infantil e famílias, com oficinas de artesanato, jogos e brincadeiras tradicionais, cantos, contação de histórias, danças e pinturas corporal, conduzidas pelos Mestres de Saberes e convidados indígenas.

Mês das Mulheres

Todos os anos, ocorre a retomada do sentido da data do 8 de março, lembrando os episódios que deram origem a essa data, e repensando a condição de exploração e opressão vivida pelas mulheres, de diferentes formas, conforme suas experiências de classe, raça, etnia, seus contextos históricos e geográficos. No MCI, pensamos esses marcos a partir da experiência das mulheres indígenas.

Mês dos Povos Indígenas

O MCI já dedica sua programação em todos os meses às vivências, conversas e debates a respeito das culturas e histórias indígenas. No mês de abril, especificamente a programação se volta para a integração com a temática discutida em toda a América Latina, por ocasião do dia 19 de abril, desde 1943 chamado Dia do Índio e desde 2022 chamado Dia dos Povos Indígenas. Este mês e esta data convidam as pessoas a refletir sobre o contexto dos povos indígenas no Brasil e no mundo, fundamentando debates, como o que transformou o nome da data, substituindo um termo revestido de estereótipos por um termo com o qual o movimento indígena melhor se identifica. É também um convite para celebrar a resistência de povos que enfrentaram e ainda enfrentam as violências da colonização, bem como valorizar seus modos de pensar e criar.

Carnaval

O período que rodeia o carnaval no Brasil traz muita movimentação para a cidade de São Paulo, sobretudo pelo grande público dos blocos de rua. É um período propício para ser questionado o uso das fantasias que utilizam a figura do “índio” de forma icônica e desrespeitosa com os povos indígenas que aqui habitam. Assim, o Museu traz essa reflexão por meio de atividades e publicação de conteúdo. Também é um período para se trazer reflexões sobre as influências de tradições indígenas que foram invisibilizadas na construção de expressões culturais nacionais.

Jan

Fev

Mar

Abr

Semana de Museus

É uma temporada cultural coordenada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) que acontece, a cada ano com um tema diferente, em referência ao Dia Internacional dos Museus, 18 de maio. Iniciado em 2003, tem como impactos o incentivo à realização de novas atividades culturais ao longo do ano; a motivação para propostas de novos projetos e atividades; a integração com os demais museus do país; o reforço da importância da instituição frente à administração pública e empresas locais. O Museu das Culturas Indígenas inicia a sua participação na Semana de Museus em 2023 e pretende integrar a programação colaborativa da Semana como uma das atividades do Educativo.



Semana da Educação

Por ocasião do dia 15 de outubro, quando são homenageados/as os/as professores/as, o MCI dedica parte da programação do mês a eventos que têm como tema as diversas formas indígenas de transmissão de saber, as relações entre o ensino indígena, a educação diferenciada e as legislações, as reivindicações quanto às atualizações nas formas de abordar as histórias e culturas indígenas nas salas de aula não-indígenas, as experiências de estudantes indígenas nas universidades.

Dia da Natureza

O dia 4 de outubro nos oferece um momento para refletir sobre o ambiente que habitamos e as relações que acontecem nesse ambiente. Também é uma ótima oportunidade de colocar em debate o que diferentes sociedades compreendem por “natureza”, e qual importância têm, para os territórios indígenas, as relações que se dão na e com a natureza.



Out

Semana das crianças

O mês de outubro tem algumas datas especiais, uma delas é o dia das crianças, comemorado no dia 12. O MCI dedica a programação da semana à pensar a importância das crianças nas comunidades indígenas e à atividades voltadas para o público infantil, como contação de histórias, brincadeiras, artesanatos, canto e dança e oficinas.

Nov

Consciência Negra

No dia da consciência negra, 20 de novembro, pensamos sobre os processos históricos que marcaram a presença das comunidades afro-brasileiras na constituição do estado brasileiro por meio de processos de violência e colonização.

Mas, sobretudo, celebramos as culturas africanas e a persistência e transformação criativa dos saberes afro-brasileiros. No MCI, convidamos a um diálogo reflexivo entre as experiências negras e indígenas em nossa sociedade.

Dia Internacional do Idoso

Nas culturas indígenas os anciãos são figuras de muita importância que guardam saberes de outros tempos e conhecem formas de legar as histórias para as outras gerações. Qual a importância dos mais velhos nas sociedades não-indígenas? A data comemorativa do dia internacional do idoso se apresenta como possibilidade de refletir a respeito dessa importância, e de abrir espaços para trocas interculturais sobre o assunto.



Dez

Virada Cultural Inclusiva

A virada cultural inclusiva, programação da Secretaria da Cultura do estado de São Paulo seguida por todos os museus geridos – totalmente ou em parte – pela ACAM Portinari, traduz-se em uma semana que têm como foco a proposição de atividades que tenham por tema a discussão da acessibilidade de diversos públicos e experiências voltadas para a inclusão deles. Essa programação costuma ocorrer na primeira semana de dezembro, por ocasião do Dia Internacional dos Direitos Humanos (10/12) e o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência (3/12). No ano de 2022 o tema que guiou a programação foi “deficiência e acessibilidade em museus”. No Museu das Culturas Indígenas foi realizado, no dia 7 de dezembro, o evento Programa Sonhar o Mundo – Línguas Indígenas de Sinais: o Despertar do Silêncio, com Shirley Vilhalva, pesquisadora do campo da Linguística e professora surda e Jéssica Francisco Terena. As palestrantes estiveram acompanhadas de duas intérpretes indígenas, que traduziram todo o evento para a Língua Brasileira de Sinais. O evento, que contou com transmissão ao vivo nas redes oficiais do museu, abordou a importante temática das línguas de sinais em contextos pluri linguísticos, especificamente a criação e emprego de línguas de sinais indígenas.



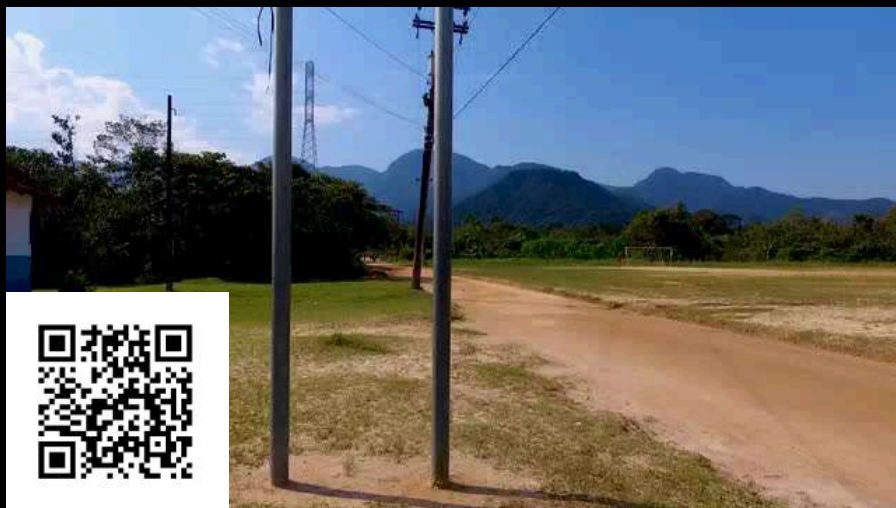
**ORIENTAÇÃO À PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

A Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, tem aumentado a demanda de escolas e educadores pelo aprendizado de conteúdos e temáticas indígenas. Apesar dos 14 anos de sua promulgação, a lei é ainda pouco efetivada, em parte porque muitos dos professores não tiveram esta temática contemplada durante sua formação inicial.

Com intenção de colocar em discussão visões homogêneas, preconceituosas, distorcidas, caricatas e estereotipadas formuladas a respeito dos povos indígenas, o MCI busca oferecer atividades voltadas ao público de educadores e professores. Contribui-se assim para a formação continuada deste público, a fim de unir esforços para a diminuição da lacuna deixada na formação inicial quanto às histórias indígenas.

Entre as atividades pensadas com este objetivo está a oficina de **Encontro de Educadores: Temáticas Indígenas na Educação**, realizada com recorrência mínima mensal. Outra atividade, apresentada em seguida, intenciona dedicar atenção aos conteúdos presentes nos materiais pedagógicos.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA



 https://youtu.be/r6GmwCYj5_Q

"Dentro das comunidades indígenas nós temos um grande desafio que é equilibrar os saberes tradicionais da cultura, mas também os saberes que definem o currículo da base nacional curricular e o currículo paulista. Então é um diálogo entre esses dois saberes"

Cristine Takua – Instituto Maracá

REFERÊNCIAS PARA EDUCADORES

SITES

Povos indígenas no Brasil

“Criado com o propósito de reunir verbetes com informações e análises de todos os povos indígenas que habitam o território nacional, além de textos, tabelas, gráficos, mapas, listas, fotografias e notícias sobre a realidade desses povos e seus territórios (...)”. É uma realização do Instituto Socioambiental (ISA).

<https://pib.socioambiental.org> | Acesso em ago.2023



CTI - Centro de Trabalho Indigenista

É uma entidade que desde 1979 atua diretamente em Terras Indígenas, por meio de projetos elaborados a partir de demandas locais, com o objetivo de colaborar para que os povos indígenas exerçam o controle territorial e a gestão ambiental de seus . O site tem informações dos programas que realiza, além de notícias, acervo e outros.

<https://trabalhoindigenista.org.br>
Acesso em set.2023



Armazém Memória

É um portal virtual estruturado a partir de uma rede de pessoas e instituições interessadas em preservar, catalogar, disponibilizar e construir uma política pública de acesso à memória histórica nacional, com foco nos direitos humanos e ênfase nos direitos indígenas. Reúne arquivos digitais, coleções de documentos, periódicos, recortes de jornais, guias de fontes, mapas, depoimentos, artigos, livros, teses, vídeos, áudios e imagens; obras de natureza histórica, jurídica e educativa

<https://armazemmemoria.com.br>
Acesso em Ago.2023



Vídeo nas Aldeias

Criado em 1986, é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil que dá suporte técnico e financeiro para que comunidades indígenas possam ser protagonistas na realização de filmes sobre seu próprio povo. O site conta com um catálogo de mais de 70 filmes, dos quais metade são de autoria indígena, além de um guia didático interativo para professores e estudantes do ensino fundamental.



<http://www.videonasaldeias.org.br> | Acesso em Ago.2023



Mirim - Povos Indígenas no Brasil

Também criado pelo ISA, o site contém material destinado à pesquisa escolar, escrito em linguagem acessível ao público infanto-juvenil. O site contém verbetes para navegação como “artes”, “brincadeiras”, “alimentação”, “jeitos de aprender”, “casas”, “mitos” e outros.



<https://mirim.org/> | Acesso em Ago.2023

Terras Indígenas no Brasil

Divulgação de informações sobre demarcações de Terras Indígenas, com base em pesquisa cotidiana às políticas ambiental e indigenista nacionais. Contém base de dados com informações jurídicas, demográficas, ambientais e as ameaças sobre as 741 Terras Indígenas no Brasil.



<https://terrasindigenas.org.br>
Acesso em Ago.2023



ACERVOS E CONTEÚDO DIGITAL

www.etnolinguistica.org/index:obras Biblioteca Digital Curt Nimuendajú.

www.lettras.ufmg.br/indigena Línguas e Literaturas Indígenas e do Contato / Faculdade de Letras da UFMG.

<https://lemaad.fflch.usp.br/Livros-didaticos-indigenas> Laboratório de Ensino e Material Didático / Faculdade de História da USP.

<https://www.livrariamaraca.com.br/escritores-indigenas> Escritores Indígenas / Livraria Maracá.

prodclin.museudoindio.gov.br Projeto de documentação de línguas indígenas no Brasil / Museu do Índio da Funai.

http://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia_das_publicações_indígenas_do_Brasil Lista de autores indígenas, livros, teses e dissertações.

japiim.museudoindio.gov.br/ Dicionários de diversas línguas indígenas / Museu do Índio da Funai.

prodocult.museudoindio.gov.br Projetos de Documentação de Culturas indígenas no Brasil / Museu do Índio da Funai.

guarani.map.as Mapa interativo com ocupações e sítios arqueológicos guarani pela América.

tainacan.museudoindio.gov.br Acervo online de museus etnográficos.

<https://comin.org.br/materiais-didaticos> Site com materiais didáticos, jogos de tabuleiro e jogo digital com temáticas indígenas.

<https://nepi.ufsc.br/acervo-2/livros-didaticos-indigenas/> ARANDU – Laboratório de Estudos em Etnologia, Educação e Sociobiodiversidades da UFSC

CANAIS E PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS INDÍGENAS

<http://www.gamehunikuin.com.br> Jogo digital feito com o povo Huni Kuin.

<https://cominoficial.itch.io/movi> Moví, jogo digital dos territórios indígenas.

<https://ascuri.org> Associação Cultural dos Realizadores Indígenas (ASCURI)

<https://vimeo.com/institutocatitu> Filmes de autoria indígena produzidos a partir de formações em audiovisual.

<http://www.radioyande.com> Yandé 1ª Rádio Indígena, portal de notícias produzido por indígenas.

<https://www.youtube.com/@PovosIndigenasnoBrasil> Acervo com 270 filmes com temáticas ou produzidos por indígenas.

<https://www.youtube.com/@literaturaindigenacontempo8317> Canal sobre literatura indígena contemporânea

<https://www.youtube.com/@EdgarCorreaKanayko> Etnovisão - Edgar Kanaykõ Xakriabá

<https://www.youtube.com/@nhamanduproducoes2242> Nhamandu Produções

<https://www.youtube.com/@telaindigena8054> Tela Indígena

<https://www.youtube.com/@kaitsufilmesproducoes> Kaitsu Filmes Produções

<https://www.youtube.com/@coletivofulniodecinema> Coletivo Fulni-ô De Cinema

COMUNICADORES E CANAIS INDÍGENAS

<https://www.instagram.com/>

@apiboficial - Articulação dos povos indígenas do Brasil

@apoinme_brasil - Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo

@coiabamazonia - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira

@atyguasu - Assembleia Geral do povo Kaiowá e Guarani

@yvyrupa.cgy - Comissão de coletivos do povo Guarani das regiões Sul e Sudeste do Brasil

@arpinsudestesprj - Articulação dos povos indígenas do Sudeste

@midiaindigenaoficial - Mídia Indígena, canal de notícias

@mimawai - Selo musical transmídia de artistas indígenas

@quadrinistasindigenas - Coletivo de Quadrinistas Indígenas

@funaioficial - Órgão indigenista oficial do Estado brasileiro

@rede.wayuri - Rede de Comunicação Indígena da Amazônia

@amism_sateremawe - Associação de Mulheres Sateré Mawé

@foirn - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

@midiaguaranimbya - Canal de comunicação da TI Jaraguá

@indigenaslgbtq - Mídia social indígena LGBTQIA+

@acessibilindigena - Coletivo de indígenas com deficiência

LIVROS

PARA EDUCADORES

ACOSTA, Alberto. 2016. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante.

FRANCHETTO, Bruna e BALYKOVA, Kristina (org.). 2020. Índio não fala só tupi: uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil. Rio de Janeiro: 7Letras.

GALLOIS, Dominique e MACEDO, Valéria (org.). 2018. Nas redes guarani. São Paulo: Hedra.

KRENAK, Ailton. 2020. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras.

MACHADO, André Roberto e MACEDO, Valéria (org.) 2022. Povos indígenas entre olhares. São Paulo: Edições Sesc São Paulo e Editora Unifesp.

MUNDURUKU, Daniel. 2016. O Caráter Educativo Do Movimento Indígena Brasileiro (1970-1990). São Paulo: Paulinas.

MUNDURUKU, Daniel [Et Al.] (org). 2022. Jenipapos : Diálogos Sobre Viver. Rio De Janeiro, RJ: Mina Comunicação e arte. Disponível em: <https://Drive.Google.Com/File/D/1f2zpgqp1f28lgulx-Fwv-By-Equzt69sz/View>.

MURA, Marcia. 2022. Tecendo memórias do povo mura e outros parentes. Resende: Pachamama.

NASCIMENTO, A. C. et. al. 2011. Criança Indígena: diversidade cultural, educação indígena e representações sociais. Brasília: Liber Livro.

RICARDO, Fany Pantaleoni (Coord.). 2015. Povos indígenas no brasil mirim. 2a. ed. São Paulo: Instituto Socioambiental.

SESC. Departamento Nacional. 2019. Culturas indígenas, diversidade e educação. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional. (Educação em rede; v. 7)

Disponível em: <https://www.sesc.com.br/Multimedia/Publicacoes/Pdf-Educacao-Em-Rede-Vol-7/>

SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI. 1995. A temática indígena na escola: Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO.

TUGNY, Rosângela (org.). 2013. Cantos Tikmũ'ũn para abrir o mundo. Belo Horizonte: Editora UFMG.

XAKRIABÁ, Célia. 2022. “Amansar o giz” . Em: Piseagrama. Disponível Em: <https://Piseagrama.Org/Amansar-O-Giz/>

LITERATURA INFANTO-JUVENIL

CASOY, Rute. 2009. Poranduba: roda de histórias indígenas (4CDs). Rio de Janeiro: Nau.

JEKUPÉ, Olívio. 2021. O saci verdadeiro. São Paulo: Panda Books.

GOMES, Ubiratã. 2023. Urutagwa. O guerreiro que virou pássaro. Raízes Tupi Produções.

KAINGÁNG, Vãngri e KAINGÁNG, Estrela. 2016. A lenda do primeiro pajé. São Paulo: Biruta

KAMBEBA, Márcia W. 2020. Saberes da floresta. São Paulo: Jandaíra

MUNDURUKU, Daniel. 2011. Como surgiu: mitos indígenas brasileiros. São Paulo: Callis.

NEGRO, Mauricio (Org.). 2019. Nós: uma antologia de literatura indígena. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

WAPICHANA, Cristino. 2016. A boca da noite. Rio de Janeiro: Zit Editora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

FARIA, Nalu. 8 de março: rebeldia e força das mulheres para mudar o mundo. Disponível em: <capiremov.org/analises/8-de-marco/>. Acesso em 13/02/2023

Instituto Brasileiro de Museus. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018. 132p. : il. ; 21x28 cm.

..... Política Nacional de Educação Museal – PNEM. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Documento-Final-PNEM1.pdf>. Acesso em 02 jan. 2023.

<https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/semana-nacional-de-museus>.

<https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/primavera-dos-museus>.

<https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>

Projeto Político Museológico do Museu das Culturas Indígenas, 2021

SÃO PAULO. Decreto Nº 66.810 de 02 de Junho de 2022. *Cria, na Secretaria da Cultura e Economia Criativa, o Museu das Culturas Indígenas, como núcleo integrante do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuêre, e dá providências correlatas.*

FICHA TÉCNICA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS

Governador | Tarcísio de Freitas

Vice-Governador | Felício Ramuth

Secretária da Cultura, Economia e Indústria Criativas | Marília Marton

Secretário Executivo da Cultura, Economia e Indústria Criativas | Marcelo Henrique de Assis

Chefe de Gabinete da Cultura, Economia e Indústria Criativas | Daniel Scheiblich Rodrigues

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico | Mirian Midori Peres Yagui

Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus | Sofia González

Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo | Regiane Lima Justino

Equipe técnica da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico | Angelita Soraia Fantagussi, Dayane Rosalina Ribeiro, Eleonora Maria Fincato Fleury, Marcia Pisaneschi Sorrentino, Marcos Antônio Nogueira da Silva, Roberta Martins Silva, Tayna da Silva Rios e

Thiago Brandão Xavier.

ACAM PORTINARI – ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

Presidente do Conselho Administrativo | Sérgio Roberto Urbano

Diretora Executiva | Angelica Fabbri

Diretor Administrativo Financeiro | Luiz Antonio Bergamo

INSTITUTO MARACÁ

Sócios Fundadores | Ailton Krenak, Carlos Papa, Cristine Takua, Adriana Calabi, Augusto Canani

Diretora Presidente | Adriana Calabi

Diretora de Articulação e Relacionamento | Cristine Takua

Conselheiros | Davi Kopenawa, Siã Huni Kuin, Sandra Benites, Anna Dantes

Assistente Executiva | Isabela Zangrossi

MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS - SÃO PAULO

Gerente de Unidade | Davidson Panis Kaseker

NÚCLEO DE TRANSFORMAÇÃO E SABERES | NUTRAS-MCI

(Textos, revisão, diagramação):

Supervisão | Ana Carolina Estrela da Costa

Educadora | Yanka Maria Lima Godinho

Assistentes de Formação | Ana Carolina Gomes Beserra da Silva, Letícia Yumi Shimoda

Mestres de Saberes | Claudio Vera (Guarani Mbya – Tekoa Pyau, Jaraguá), Ediele Nascimento Pankararu (Pankararu – Real Parque), Karai Natalício (Guarani Mbya – Tekoa Pyau, Jaraguá), Kawakani Mehinako (Mehinako – Aldeia Uyaiipyuku, Alto Xingu), Rhakany Aruani (Tupi-Guarani - Tekoa Pyau, Jaraguá), Sônia Ara Mirim (Xukuru-Kariri – Tekoa Ytu, Jaraguá), Wagner Tserenhõ'õ Tseredzawe (Xavante – Aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, Mato Grosso), Weksilania Ynaiê Máximo Wassu (Wassu-Cocal – Reserva Indígena Filhos Desta Terra, Guarulhos), Yriwana Karaja (Karajá – Aldeia Santa Isabel do Morro, Tocantins)

Estagiários | Paula Guajajara (Guajajara – Terra Indígena Cana Brava, Maranhão); Rafaela Alves de Souza (Pankararu – Real Parque); Júlia Maynã Mendes Feitosa (Xucuru-Kariri - Terra Indígena Fazenda Canto, Palmeira dos índios, Alagoas) e Isaias Xipu Puri dos Anjos Borja (Puri, Minas Gerais).

Núcleo de Comunicação

Leandro Karai Mirim | Supervisor de Comunicação

Gabryelle Pereira da Silva | Assistente de Comunicação

Edney dos Santos Nascimento | Estagiário

Núcleo de Exposições e Programação Cultural

Clarice Josivânia da Silva | Supervisora de Projetos Culturais e Programação

Luisa Gomes da Mota de Souza | Assistente de Programação

Mateus Marques Tozelli | Assistente de Programação

Núcleo de Pesquisa e Referência

Camila Gauditano de Cerqueira | Supervisora do Centro de Pesquisa e Referência

Cecília Gonçalves Gobbis | Pesquisadora Documentalista

Ana Paula dos Santos Salvat | Assistente de Acervo

Charles Henrique Pankararu | Estagiário

Núcleo de Administração

Denise Vieira dos Santos | Assistente Administrativo

Thais Soares Nobrega | Assistente Administrativo

Elzeni Costa Barreto | Estagiária

Núcleo de Infraestrutura e Operações

Hugo Reis Ribas | Supervisor de Manutenção e Facilites

Gilson Militão de Souza | Oficial de Manutenção Predial

Diego Ferreira da Cruz | Ajudante de Manutenção

Jonatan Silva de Almeida Junior | Estagiário



Museu das Culturas Indígenas
Núcleo de Transformação e Saberes



Plano Educativo
janeiro 2025



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Secretaria da Cultura, Economia
e Indústria Criativas

